

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Aline Renata Machado

Supervisão e temas da religião: experiência de acolhimento

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Aline Renata Machado

Supervisão e temas da religião: experiência de acolhimento

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a Doutora Marília Ancona-Lopez.

SÃO PAULO

2009

BANCA EXAMINADORA

Se minha emoção nesta conquista puder transpor os limites e as barreiras da existência concreta, acredito que neste momento tenho em mim a força viva da tua presença.

Ao irmão amado, filho amoroso, marido dedicado e pai zeloso: Hugo Zoroastro Araki, *in memoriam*.

E ao meu pai pela força e coragem de continuar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais Virgílio e Marilda, todo o meu amor e admiração, por sempre me apoiarem em todas as decisões da minha vida. A eles que são os responsáveis por toda minha formação pessoal, intelectual e ética, como também por terem proporcionado todo o apoio financeiro e psicológico nesta caminhada. O meu muito obrigado à mamãe, rainha e luz de minha família. E ao meu papai, meu “ursinho carinhoso”.

Ao meu esposo, companheiro, amigo e meu amor:

Omar Alazzaoui, que em meus momentos de cansaço e desânimo, quando eu caía em prantos de esgotamento, me incentivou e confortou, com todo seu amor, carinho e compreensão. *Hayate, Habibi*.

Aos meus três grandes amores, homens de minha vida, Renato, Kelvin e Yuri, pela fidelidade de irmãos, por todo amor, dedicação, por serem meus verdadeiros amigos.

À minha família na Síria, baba Nabil, mama Kamar, Nebal e Hisham, Nesreen, Noor. E aos meus sobrinhos Mohamad, Haya e Farouke. Meu amor e gratidão por terem dado suporte e incentivo na decisão do meu esposo em vir para o Brasil para me prestar apoio e ajudar nestes últimos seis meses tão difíceis.

Ao meu animal de estimação que me encheu de amor e carinho nos momentos mais difíceis e suportou sua doença, um AVC, por amor aos seus donos em especial ao meu pai.

À professora Doutora Marília Ancona-Lopez, pelo reconhecimento e orientação, pela objetividade, clareza, disposição, compreensão e por todos os gestos de carinho demonstrados. Para ela, minha admiração e respeito.

Às professoras Doutoras Elisabeth Montagna e Silvia Ancona-Lopez, principalmente no momento da qualificação, quando prontamente aceitaram o convite e me emprestaram seus olhares atentos, fazendo críticas e fornecendo contribuições para realização deste trabalho.

Aos meus amigos, que são minhas fortunas, e que me proporcionam grandes alegrias:

À minha amiga e confidente Patrícia de Souza Lira que me acompanha em todas as trajetórias de minha vida, que, quando eu não acreditava ser capaz de escrever um parágrafo, esteve ao meu lado com sua confiança, amor e dedicação, dando-me incentivo e me lembrando de quem eu era e das possibilidades que eu tinha de ser.

A Iedinha Rocha e Filozinha Ruston, que me ensinaram o verdadeiro significado da amizade, do companheirismo, do amor de irmãs, e me encaminham na fenomenologia existencial; por isso as considero minhas mentoras intelectuais.

A Renato, Dil, Charlene, Dani, Ritinha e Sandra amigos de toda a minha vida, companheiros de todas as horas, que sempre me encorajaram a seguir batalhando; agradeço pelas boas conversas e amizade.

À minha adorada amiga Vanessa Maichin, por ser parceira e companheira fiel, pelo afeto sempre presente, pelos conselhos e orientação. A mulher “inenarrável”, que me apoiou quando necessário, pela generosidade e seu reconhecimento. Por ser a pessoa que me levou pela mão, lado a lado, e me abriu as portas do Mestrado na PUC, e dos trabalhos que hoje realizo.

Aos meus alunos, que souberam compreender-me nos piores momentos de cansaço e estresse da pesquisa.

Aos professores do curso de Filosofia: Rubens e Silvio, que me ensinaram a desconstruir certezas e a me colocar em uma postura de “não saber”. Meu carinho e admiração!

A Helena, Raphaella, Walter, Denise, Danielle, Fátima, Paulo, Neuza, Jiron, Rosângela e Aline Carvalho. Sempre serão lembrados como meus ilustres professores e meus grandes incentivadores para crescer na área da Psicologia.

A Grace, que fez, e ao Francisco, que faz parte da minha construção pessoal.

A Deus, por ter me dado sabedoria e inteligência para vencer mais uma etapa na minha formação profissional.

Agradeço imensamente aos amigos que fiz na Puc, Simone, Irene, Padre Anselmo, Leidilene, Padre Vandro, Marta, Yvone, Padre João, Oyama, Neusa, Eliane, Merlinton, Rubia, Padre Gerson e a todos que me ajudaram de alguma maneira na elaboração desta dissertação.

MACHADO, Aline Renata. **Supervisão e temas da religião:** experiência de acolhimento. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil, 2009, 104 f.

RESUMO

A literatura aponta que a religião é um tema, muitas vezes, negligenciado pelos profissionais de Psicologia. Há ausência de preparo do psicólogo para lidar com as questões religiosas em sua prática. A maior parte dos estudos aborda o assunto assinalando as dificuldades e, por essa razão, é interessante abordá-lo por seu viés positivo. Dessa maneira, o objetivo desta dissertação é conhecer e compreender a experiência do supervisor que lida com o tema psicologia e religião com seus estagiários na clínica-escola de forma a que estes se sintam acolhidos. Para atingir esse objetivo, foram realizadas três entrevistas com uma supervisora de clínica-escola, apontada por seus alunos como acolhedora de questões relacionadas à dimensão religiosa do homem. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica, a qual procurou investigar as vivências da supervisora por meio de entrevistas semidirigidas. A análise das entrevistas dialogou com autores da abordagem fenomenológica e que trabalham com o tema da psicologia e da religião. Este estudo permitiu apontar que é possível acolher as questões religiosas que emergem nas supervisões como qualquer outro tema, esse acolhimento é proporcionado por meio de uma aprendizagem significativa, proporcionada por um ouvir ativo estabelecido numa relação dialógica transformadora; essa relação permite ao aluno falar sobre o tema sem receio de ser julgado; a supervisora leva em consideração as vivências de seus alunos dirigindo o seu olhar para os próprios sentimentos e pensamentos, possibilitando que se abram ao outro. Sua postura é influenciada pela sua visão de homem, pelas vivências que se deram ao longo de sua vida, por sua abordagem teórica e pela maneira como concebe e vive a religião. Conhecer a experiência do professor que é visto pelos seus alunos como alguém capaz de acolher os temas da religião poderá auxiliar outros responsáveis pela formação do psicólogo, a propiciarem condições aos alunos para refletirem sem temor e preconceito sobre as questões religiosas e seu papel na vida humana.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológica. Psicologia e religião. Formação do psicólogo.

MACHADO, Aline Renata. **Supervision and religious themes:** a welcoming experience. Master Thesis. Program of Graduate Studies in Clinical Psychology of the Catholic University of São Paulo. São Paulo, SP, Brazil, 2009, 104 f.

ABSTRACT

Psychological literature points out that religion is a neglected subject, mainly by psychologists. These professionals face a lack of preparation to deal with religious questions within their practices. Most studies handle the subject matter highlighting its difficulties, so it is important to address it through its positive aspects. Thus, the purpose of this dissertation is to question and comprehend the ability of the supervisor, which is the professional who deals with the subject of Psychology and religion among the trainees in school clinics, in order the students feel comfortable. To reach this purpose, three interviews were conducted with a school clinic supervisor, selected by the students as someone who welcomes questions related to the religious dimension. A qualitative research was developed on a phenomenological basis, and aimed to investigate the supervisor's experiences through semi-structured interviews. The interviews' analysis pointed out that it is possible to welcome religious questions that emerge during supervision as any other topic, and that this welcoming is provided by a significant learning approach, as a result of a transforming dialogic-based relationship provided by an active listening. This relationship allows the student to talk about this subject without the fear of being judged; the supervisor takes into consideration her students' life experiences, focusing her own feelings and thoughts so it is possible for the students to open themselves to the others. Her attitude is influenced by her vision of mankind, her life experiences, her theoretical approach and how she conceives religion. Knowing the experience of the teacher, who is seen by the students as someone who can embrace the themes of religion may help others responsible for the training of psychologists, to provide conditions for students to reflect without fear and prejudice on religious matters and their role in human life.

Key-words: Phenomenological psychology. Psychology and religion. Psychologist development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – PSICOLOGIA E RELIGIÃO.....	19
CAPÍTULO II – O CAMINHO DA PESQUISA.....	30
2.1. OBJETIVO.....	30
2.2. JUSTIFICATIVA.....	30
2.3. A PERSPECTIVA DA PESQUISA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA.....	31
2.4. PROCEDIMENTOS.....	33
2.4.1. A escolha do colaborador.....	33
2.4.2. As entrevistas.....	34
2.4.3. A análise.....	36
CAPÍTULO III – PATRÍCIA.....	38
3.1. PRIMEIRA ENTREVISTA.....	38
3.2. SEGUNDA ENTREVISTA.....	46
3.3. TERCEIRA ENTREVISTA.....	54
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS DE PATRÍCIA.....	57
4.1. Conclusão.....	70
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO PRIMEIRA ENTREVISTA.....	79
TRANSCRIÇÃO SEGUNDA ENTREVISTA.....	90
TRANSCRIÇÃO TERCEIRA ENTREVISTA.....	102

INTRODUÇÃO

Antes de ingressar no curso de Psicologia, eu já tinha participado ativamente de duas instituições religiosas cristãs – da renovação carismática católica e da igreja evangélica, passando pelas denominações pentecostais – Batista Renovada, Comunidade Cristã – e pelas tradicionais Presbiteriana e Batista. E, mesmo antes de entrar na faculdade, percebia religião e psicologia como universos separados, sem muitas possibilidades de diálogo. Quando ingressei no primeiro ano do curso de Psicologia, essa divisão veio a se confirmar, pois tive várias experiências, no decorrer do curso, nas quais observava que não havia espaço para falar sobre religião. Logo no início, senti um impacto frente às posturas adotadas pela maior parte dos docentes em relação à religião. Questões complexas, como a espiritualidade do ser humano, eram na melhor das hipóteses ignoradas. Não foram raras as vezes em que escutei dos professores do curso de Psicologia que o psicólogo religioso era um “fraco”, que estava atrás de soluções mágicas ou buscava suprir uma carência mal resolvida.

Durante a graduação, por diversas vezes, ouvi relatos de alunos que se sentiam atacados em suas crenças, sem espaço para pensar sobre o seu modo de ver o homem, Deus e o mundo, desenvolvido ao longo de sua vida, com os conhecimentos psicológicos que adquiria no curso. Alguns colegas viam-se em conflito entre suas crenças e a profissão que haviam escolhido. Uma fala que exemplifica essa tensão veio de uma colega de classe que me

disse um dia: “Se eu não puder conciliar a psicologia com a minha fé, eu vou embora”.

Foi a partir do início da prática, na clínica-escola, que comecei a refletir mais profundamente sobre o que eu havia vivido durante toda a graduação em relação à religião. A maior parte dos casos clínicos atendidos envolvia diretamente a religião, ou porque os clientes traziam queixas específicas relacionadas a questões religiosas, ou porque pessoas relatavam suas experiências nesse âmbito. Percebi que esse tema, quando surgia no atendimento clínico, causava em nós, estagiários, preocupação e surpresa: era novo e inesperado.

Para Yehia (1996), o momento do estágio na clínica-escola é fundamental na formação de psicólogos. Tendo como objetivo propiciar ao profissional, possibilita que o aluno vivencie o confronto com o cliente:

Para isso é importante que ele possa vivenciar situações de atendimento psicológico a clientes, que possa compartilhá-las com os colegas e o supervisor, ampliar sua percepção das mesmas, estabelecer uma distinção entre suas experiências e as do cliente, (...) que se torne capaz de dar respostas adequadas às colocações do cliente. (YEHIA, 1996, p. 113).

Segundo a autora, espera-se que o aluno desenvolva a “capacidade de respeitar e compreender o cliente de acordo com o quadro de referências do mesmo, sem esquecer-se do seu próprio quadro de referências, que é impossível negar”. (Idem).

Apesar do que coloca Yehia (1996), essa capacidade de respeito e compreensão fica comprometida, pois a dimensão religiosa do cliente – e do próprio estagiário – é negada.

Da mesma forma, na discussão dos atendimentos clínicos que envolviam questões religiosas, questionamentos sobre como agir ou como considerar, o aspecto religioso do ser humano eram ignorados pelos supervisores.

Essa exclusão dos temas relacionados à religião causava-me inquietação; eu sentia certo incômodo e percebia que o ser humano não estava sendo contemplado na sua totalidade; sentia que faltava alguma coisa, que algo precisava ser complementado.

Seria necessário preencher essa lacuna deixada em minha formação. Precisaria compreender as possíveis relações entre psicologia e religião. Se o psicólogo é preparado para lidar com as diferenças culturais, eu me questionava por que tanta dificuldade em lidar com a religião, já que esta é um fenômeno da cultura.

Ao ingressar na Pós-Graduação da PUCSP, ao desenvolver minha dissertação, na área Psicologia e Religião, pude encontrar autores que corroboravam o que eu tinha experimentado durante a graduação.

Amatuzzi (2007) observa que, na área Psicologia, há uma carência muito grande de informações científicas e elaborações teóricas sobre o campo religioso da experiência humana.

Giovanetti (1999, p. 88) aponta a falta, nos cursos de Psicologia, dos temas relacionados a vivências religiosas e espirituais; considera que a dimensão religiosa é constitutiva do ser humano, independentemente da pessoa estar ou não ligada a uma denominação religiosa. O autor é enfático ao dizer que:

Se examinarmos com atenção os currículos dos cursos de Psicologia, salvo alguma exceção, não encontramos nenhuma disciplina denominada Psicologia Religiosa, em que se pudesse acolher e estudar essa dimensão da vida humana. (...) os psicólogos, em sua maioria (se não buscaram uma formação específica), não se preocupam com a dimensão religiosa nem dão importância a ela; e mais: na clínica, quando atendem as pessoas, ignoram o problema.

Ribeiro (2004), entre outros autores, também considera que a psicologia, principalmente no campo acadêmico, tem se comportado como se a religião não existisse. Para ele, os estudiosos da psicologia não conseguem lidar de forma adequada com as quatro dimensões do ser humano bio-psico-sócio-espiritual, e tem dificuldade de entrar em contato, especificamente, com esta última.. Fala que, como resultado, a relação entre a psicologia e a religião é mascarada, pois poucos autores a discutem abertamente.

Ancona-Lopez, M. (2005, p. 153) também aponta a dificuldade de se abordar o tema religiosidade, religião e espiritualidade durante a formação de psicólogos:

O desconhecimento de estudos na área, aliado ao preconceito existente no meio acadêmico e científico contra as posições religiosas, consideradas pouco racionais, ingênuas e ultrapassadas, impede a discussão aberta do tema com professores e supervisores e termina por dificultar a elaboração e assimilação reflexiva das vivências espirituais. Consequentemente, o hiato entre as experiências pessoais e a linguagem profissional é grande e dificulta o estabelecimento de um diálogo interno e externo consistente.

Consequentemente, o profissional psicólogo sai da graduação, muitas vezes, sem ter uma visão mais completa do homem.

Giovanetti (1999) refere-se a duas atitudes comuns entre os psicólogos quando se defrontam com a dimensão religiosa de seu paciente. Há psicólogos

que negam essa dimensão da vida dizendo que a religião é uma ilusão, enquanto outros reduzem a religiosidade a um mero aspecto do psiquismo.

Na literatura pesquisada, são frequentes as queixas pessoais referentes à negligência em relação à dimensão religiosa. Analisando a entrevista de uma psicóloga, César (2007, p. 135) conta que, em sua vida profissional, a entrevistada:

(...) não encontrou a abertura que lhe permitisse ser ela mesma, considerando as influências recebidas da sua religião, teve grandes empecilhos para elaborar sua visão de homem e de mundo fundamentada na Psicologia. Isso fez com que sua prática não tenha um embasamento teórico consistente, utilizando-se de recortes descontextualizados das várias abordagens: psicanálise, comportamental e gestalt-terapia, que não possuem uma visão de homem, de mundo e de subjetividade congruentes entre si (...).

Shafranske e Malony (1996) acreditam ser imprescindível que o psicólogo considere a religiosidade do sujeito na clínica psicológica e assinalam quatro motivos específicos para tanto: a relevância da religião na cultura, a incidência do fenômeno religioso na clínica psicológica, as relações entre religiosidade e saúde mental e a consideração dos valores, implícitos e explícitos, na prática clínica.

Na relação entre cliente e psicólogo na clínica, encontram-se “duas pessoas face a face, uma intersubjetividade ativa envolvendo duas existências, dois mundos, dois horizontes que se interpenetram”. (JOSGRILBERG, 2000, p. 162). Ambos, cliente e terapeuta, trazem consigo toda a complexidade de suas dimensões, incluindo a dimensão religiosa. E o psicólogo precisa compreender o mundo do cliente sem esquecer as referências de seu próprio mundo. Essa é uma tarefa complexa que começa a ser aprendida na graduação, o que torna de fundamental importância o papel do supervisor.

De acordo com Pokladek (2000, p. 197), a função do supervisor seria facilitar os “processos de crescimento do terapeuta, ou seja, a construção de sua própria postura e identidade profissional”.

No entanto, os autores citados, entre outros, mostram claramente que os supervisores dos cursos de Psicologia não dão abertura para o tema da religião. Tal fechamento muitas vezes inflige sofrimento aos alunos, comprometendo sua prática clínica.

César (p. 10, 2007), em sua dissertação de mestrado, relata a sua experiência de fragmentação:

Comecei a observar que embora apreendêssemos no curso de Psicologia que não era adequado fragmentar o homem ao procurar compreendê-lo ou ajudá-lo em seu processo psicoterapêutico, isso,,por outro lado, estava acontecendo com os alunos desse curso, em especial, comigo, no próprio âmbito acadêmico. Em determinadas situações, sentia-me totalmente fragmentada, pois percebia que a Psicologia não considerava a dimensão espiritual do ser humano, dimensão essa que eu incluía na minha visão de homem. Na maioria das vezes, ao tentar dialogar sobre esse tema, sobre os sentidos da vida, sobre minha concepção de mundo embasada na minha educação cristã, não encontrava um ambiente propício e acolhedor, e sentia-me julgada pelos colegas e professores.

Ancona-Lopez, M. (2007, p. 200) fala do sofrimento que alguns alunos viveram durante a graduação. A frequente desqualificação da religião por parte dos supervisores, muitas vezes, é sentida pelos alunos como um ataque às suas histórias pessoais e à cultura na qual se constituíram. É vivida como ataque a cada um em seu todo: “É nessa perspectiva que incide a desqualificação das crenças religiosas presente nos cursos de formação de psicólogo e, por isso, geradoras de sofrimento”.

Ainda de acordo com a autora, o sofrimento dos psicólogos que não têm a possibilidade de trabalhar o entrecruzamento das crenças pessoais com as

explicações oferecidas academicamente, vai além da falta de um espaço que permita elaborar e refletir sobre suas premissas acerca da vida, do homem e do mundo: “Eles ficam impedidos de “brincar” com suas teorias e crenças, no sentido de construir e destruir, e sem essa atividade dificilmente encontrarão, mais tarde, realização e satisfação no seu trabalho”. (ANCONA-LOPEZ, M. 2007, p. 201).

As experiências vividas e as leituras realizadas permitem afirmar a ausência de preparo do psicólogo para lidar com questões religiosas na sua prática e, simultaneamente, apontam para o sofrimento vivido pelos alunos pela falta de espaço para elaborar questões relacionadas à vida espiritual no decorrer do curso de Psicologia.

No entanto, há um contraponto para essa visão negativa da ação dos supervisores. Informalmente, alguns alunos de Psicologia referem-se a situações, em supervisão, no decorrer do curso de Psicologia, nas quais se sentiram acolhidos e encontraram um espaço propício para pôr em questão suas posições religiosas.

Passei a me perguntar: - Como esses supervisores lidariam com a temática *religião* com seus alunos, acolhendo suas experiências? Decidi tomar essa questão como objeto de minha dissertação. Em outras palavras, interessei-me por abordar o tema, em sua vertente afirmativa, buscando conhecer como age com seus alunos, o supervisor que, ao contrário do que aponta a maior parte da literatura que trata do assunto, acolhe as questões religiosas colocadas nas supervisões, e como lida com elas.

Acredito ser importante que o profissional possa acolher a expressão, a vivência do cliente, e investigar junto a ele qual o sentido de sua religiosidade, assim como de qualquer outro tema que traga para a clínica, sem uma pré-concepção. Isso é importante clínica e eticamente, pois quando o cliente busca ajuda psicológica, ele vem com toda sua complexidade. Penso que precisaríamos ter o cuidado de não negligenciar nada do que ele traz, reduzindo a riqueza de suas experiências. Acredito que, da mesma forma, o aluno deveria sentir-se resolvido em suas questões para poder, futuramente, acolher questões semelhantes, de seus clientes?

Não tenho, neste trabalho, a intenção de questionar toda a formação do psicólogo, nem propor a inclusão da religião nas grades dos cursos de Psicologia. Meu objetivo é conhecer a experiência do supervisor, que, de acordo com os estagiários, lida abertamente com o tema psicologia e religião fazendo com que se sintam acolhidos.

Meu intento, aqui, não é “psicologizar” o campo da espiritualidade nem “espiritualizar” a área da Psicologia, mas, à luz de uma abordagem fenomenológica, possibilitar abertura para uma reflexão sobre como os supervisores abrem o espaço para o diálogo entre Psicologia e Religião, acolhendo seus alunos.

CAPÍTULO I

PSICOLOGIA E RELIGIÃO

A visão fenomenológica-existencial do homem nos fala de um ser lançado ao mundo para conhecê-lo e para se conhecer (MERLEAU-PONTY, 2006). É no mundo que ele começa a descobrir a si mesmo e aos outros, suas possibilidades e limitações. O homem, a cada passo, mostra-se um ser de possibilidades, um ser que busca sentido para a existência, tendo de lidar com suas angústias e questionamentos. No entanto, ao se deparar com sua liberdade e com sua finitude, angustia-se. A liberdade traz em si o peso da responsabilidade de suas escolhas, sempre defrontadas com a certeza de que um dia terá que morrer.

Gleiser (2006) aponta que o desejo de saber sobre a origem do universo e da vida é inerente ao ser humano, transpondo barreiras temporais e geográficas. Aletti (2004) concorda com o autor, no que se refere ao desejo que o homem tem de encontrar respostas às suas questões existenciais. Diz que, na busca de sentidos para a sua existência, o ser humano formula perguntas universais: - De onde eu vim? Para onde vou? O que é a morte?

A busca por respostas a essas perguntas reflete uma tendência à transcendência, à busca por sentido que ultrapassa os limites do estar no mundo.

Giovanetti (1999) afirma que a interrogação que o homem faz, do mais profundo do seu ser, sobre as questões últimas do mundo e da realidade

coloca-o ante ao “Sagrado”, cujo conceito é polivalente. Mas, neste contexto, compreende o sagrado como uma disposição do homem ante algo que o transcende. E nessa disposição encontra-se a dimensão religiosa, nesse movimento de busca por transcendência, sentidos e respostas.

Ribeiro (2004, p. 12) conta que, na história da civilização, não aparece um único povo que não tenha tido rituais e deuses e que, embora as religiões não fossem ensinadas ou transmitidas de povo a povo, cada deus nascia como fruto de reflexão do grupo, e consequentemente, dava identidade a esse povo. Desse modo, o autor acredita que o aparecimento das religiões surge em função do desejo intrínseco ao homem de “responder e explicar anseios internos, complexos, como ansiedade, medo e culpa diante do sentido do mundo, da vida e do outro”.

Vergote (1969, p.9-24) coloca que o ser humano tem consciência de sua finitude e de seus limites, mas tem um desejo de superá-los, buscando o sentido último da existência. Para o autor, a religião é um conjunto orientado e estruturado de sentimentos e pensamentos, por meio dos quais os homens tomam consciência vital de seu ser íntimo e último. A religião vai além do necessário e do útil, e é um fenômeno da ordem do desejo, descrito pelo autor “como uma tendência psicológica que orienta para experiências e modos de existência que fazem gozar e celebrar: a beleza, o amor, a experiência do divino e a relação com ele”.

Dizem Ribeiro (2004) e Gleiser (2006) dizem que, quando o homem primitivo buscava compreender as suas origens, ele buscava razões para

entender a sua vida; as religiões se constituíram como sistemas que davam – e continuam a dar – sentido à vida.

Frankl (1990, p. 199) define a religião como uma ferramenta utilizada para buscar sentido para a vida, achar razão para viver em meio às dificuldades, infortúnios e tragédias da existência: “A religião é a consciência que o homem tem da existência de uma dimensão sobre-humana e sua fé básica no sentido último que reside nessa dimensão”. Entretanto, a religião não é a única forma que o homem encontra para dar sentido à vida. Como aponta Valle (2005, p. 102),

De um ponto de vista histórico e cultural, a espiritualidade humana se expressou preferencialmente por milênios quase só em linguagens e vivências de cunho religioso. No entanto, essa não é a única maneira de ela se expressar. Existem experiências e modalidades de profundo sentido espiritual que não se identificam com o religioso. Todas as experiências humanas realmente criativas e profundas (...) podem chegar a propiciar ao ser humano um des-velamento de sua espiritualidade. Nesse sentido, a espiritualidade é inerente ao ser humano enquanto tal.

O autor salienta que devemos ter o cuidado de não identificar o espiritual e o religioso e aponta para o paradoxo de que “pessoas muito religiosas podem não ter horizontes espiritualmente válidos, ao passo que um ateu pode ser uma pessoa espiritualmente rica”. (Idem).

Giovanetti (2005, p. 137) define espiritualidade por uma “atividade do nosso espírito, e não necessariamente implica fé em algum ser transcendente”. O autor fala de uma espiritualidade arreligiosa, que “se manifesta na busca de valores profundos que regem o ser humano” (p. 138). Para Ancona-Lopez, M. (2005, p. 156), a espiritualidade “reflete-se em um sentimento oceânico, não

tem limites, contornos, causas, lógica. Abre um vórtice infinito de possibilidades e de interpretações”.

Já a religiosidade implica a relação com o transcendente, pois se relaciona com a religião, que pressupõe um Deus. O que distingue essa vivência religiosa da vivência da espiritualidade são as diferentes maneiras de se constituir o sentido. Enquanto na espiritualidade é possível construir o sentido por meio da reflexão sem a ligação com um ser superior, na religiosidade o caminho de construção de sentido é por meio da fé, da vivência de uma crença. (GIOVANETTI, 2005).

“A religião, por sua vez, buscará a via da integração, da re-religação, através de uma maior estruturação”. (ESTEVES, 2009, p. 33).

A religião é estruturada, organizada, tem conceitos e linguagens definidos, estabelece pressupostos, atribui sentidos e valor, define horizontes espaciais e temporais, insere-se no tempo e na história. Permite rever o passado, viver o presente e projetar o futuro. (ANCONA-LOPEZ, M. 2005, p. 156).

Giovanetti (1999) coloca que a religião, como instituição, com seus dogmas, ritos, palavras e sentidos específicos, é o lugar onde se pode achar sentidos. É preciso compreender, no entanto, que dentro de uma mesma religião podem-se encontrar vivências religiosas diferentes. A religião pode ser a mesma para muitos, mas a religiosidade, o modo de vivê-la, é singular. Para ele, as religiões são respostas possíveis, encontradas na cultura para o movimento de transcendência.

Embora, desde os primórdios, a busca por sentidos seja inerente ao homem, historicamente o enfoque religioso foi sobrepujado por um enfoque

racional, à medida que gradualmente os cientistas começaram a explicar e manipular os fenômenos da natureza.

Giovanetti (1999) diz que ao longo do século XX assistimos a uma radicalização do questionamento da dimensão religiosa na vida do homem moderno, representado frequentemente pela frase de Nietzsche “Deus morreu”. As filosofias e sociologias tentaram encontrar explicações científico-tecnológicas para ocupar o lugar de Deus na cultura ocidental e a Psicologia não deixou de dar sua contribuição à negação de Deus no horizonte da vida humana.

O avanço do behaviorismo e da psicanálise, no campo da psicologia, contribuiu para essa negação. Em linhas gerais, os behavioristas deixaram de lado as questões religiosas considerando-as irracionais. Para os behavioristas as perguntas que colocam as religiões seriam paulatinamente respondidas pela ciência, em seus avanços. Os psicanalistas, por sua vez, focalizaram as questões e posições religiosas a partir de referenciais da psicopatologia psicodinâmica. Como diz Valle (2005), esses posicionamentos críticos dos psicólogos, assim como dos demais cientistas, levaram os religiosos a um encolhimento defensivo, o que acabou por colocar em evidência uma tensão entre psicologia e religião:

O estudo psicológico da religião (...) experimentou uma espécie de ostracismo, sendo quase proscrito de certos ambientes acadêmicos. O marxismo e a ênfase organicista dada às impressionantes descobertas da genética, da neurologia e da farmacologia reforçaram o exílio a que o religioso havia sido condenado nas ciências humanas em geral e, muito especialmente, nas psicoterapias. (Valle, 2005, p. 86).

Giovanetti (1999) mostra, porém, que, no final do século XX, assistimos a um ressurgimento do fenômeno religioso por meio das inúmeras manifestações sociais e individuais de busca do sagrado. Para o autor, esse paradoxo – a negação de Deus e o ressurgimento da dimensão religiosa – mostra a importância dessa dimensão do homem, e deve merecer a atenção dos psicólogos.

Acompanhando o ressurgimento do fenômeno religioso, a Psicologia começou lentamente a abandonar as posições negativas *a priori* que caracterizaram nos últimos séculos o seu confronto com a religião. O trabalho de psicólogos estudiosos do tema tornou inviável manter uma posição hostil em relação a tudo o que diz respeito ao religioso. (Valle, 2005).

No entanto, esse movimento de abertura da Psicologia com relação ao tema *religião* não garantiu a simpatia de muitas das tendências teóricas, assim como nem sempre facilitou um maior acesso ao diálogo sobre esse assunto, principalmente no meio acadêmico. Autores como Frankl (1978) e Ribeiro (2004), entre outros, questionam a concepção reduzida da Psicologia em relação ao homem.

Frankl (1978) acredita que é necessário não reduzir o ser humano ao corpo e ao psíquico, mas, pelo contrário, admitir que exista uma dimensão mais profunda no seu desenvolvimento. O autor da logoterapia tem como pressuposto uma concepção de homem abrangente, sustentando que os quatro pilares fundamentais para a compreensão do ser humano são: o biológico, o psicológico, o espiritual e o sociológico.

Ribeiro (2004) questiona a posição da Psicologia frente à Religião. Ele procura compreender como a Psicologia enquanto ciência pode entrar em conflito com a Religião, ou não considerá-la frente às angústias do coração humano, à procura do sentido último da sua liberdade e do seu destino. Para ele, quando a Psicologia nega o aspecto espiritual do homem, demonstra um total descompromisso com a vida do homem, para com a totalidade existencial humana, pois, cabe à Psicologia estudar o fenômeno humano em sua totalidade, na dinâmica da relação pessoa-mundo. À Psicologia interessa o pensar, o sentir, o fazer e o falar.

Shafranske e Malony (1990) acreditam ser de suma importância considerar a religiosidade do sujeito. Os autores apontam a relevância da religião na cultura. Hoje, sabe-se da importância do meio cultural na formação da subjetividade do sujeito e a religião fazendo parte inerente dessa cultura não pode ser negligenciada; perde-se um aspecto extremamente importante da formação pessoal. Diversas pesquisas demonstram que a maioria das pessoas que procuram a clínica psicológica é religiosa ou acredita em Deus; não se deve ignorar que as preocupações espirituais e religiosas desempenham um papel na saúde mental dos indivíduos, seja de forma positiva ou negativa.

Giovanetti (1999), entre outros autores, observa que há uma negligência dos temas relacionados a vivências religiosas e espirituais nos cursos de Psicologia.

Giovanetti (2005) e Ancona-Lopez, M. (2005) afirmam que nos currículos dos cursos de Psicologia em nosso país, salvo algumas exceções, dificilmente se encontram conteúdos que abordem a religião, dimensão que está inserida

na vida humana. Nesse sentido, torna-se difícil o acesso dos estudantes a trabalhos desenvolvidos no país ou nas escolas americanas e europeias.

Giovanetti (1999) afirma que os psicólogos que não buscam alguma formação específica nessa área não atentam à dimensão religiosa ou ignoram o problema quando seu paciente aborda a questão em terapia.

Os psicólogos alegam que seu trabalho é ajudar o homem em seus problemas psicológicos, e não religiosos, e que a dimensão religiosa deve ser tratada pelo padre ou pelo conselheiro psicológico. Eles se esquecem de que o homem que busca o auxílio profissional deles para aliviar o seu sofrimento é um homem total, isto é, ao falar de seus problemas ele traz também sua crença em um Ser superior. (GIOVANETTI, 1999, p.88).

Shafranske e Malony (1990) apontam duas dificuldades dos psicólogos para considerar a religiosidade na clínica psicológica: a primeira, de ordem técnica, exige que encontrem meios para pesquisar a religiosidade e manejar o tema no atendimento clínico, enquanto a segunda refere-se aos pressupostos do profissional; toda a reflexão sobre o que dizem os clientes a respeito das religiões, ou da religiosidade, envolve, por parte dele, considerações implícitas ou explícitas de cunho avaliativo. Essas considerações são desenvolvidas à luz das teorias, de escolha e referência do profissional. Na medida em que tais teorias não contemplam a questão da religiosidade, o psicólogo encontra-se muitas vezes perdido e vai buscar referências em outras disciplinas ou em sua própria experiência. Para os autores, o psicólogo clínico enfrenta a ausência de referências que o auxiliem a lidar com as experiências religiosas na clínica.

Ancona-Lopez, M. (2005) coloca que as religiões, quando consideradas do ponto de vista cultural, são aceitas pelos psicólogos. No entanto, quando

encaradas do ponto de vista das pessoas, as experiências religiosas são vistas como limitadoras.

A autora afirma que hoje, no Brasil, os psicólogos encontram poucas possibilidades de inserir as suas experiências espirituais e religiosas no universo acadêmico e profissional e não encontrando um meio que as aceite, integre e compartilhe, tem dificuldade para desenvolver uma ação psicológica congruente consigo mesmo e com as suas crenças pessoais.

Shafranke e Malony (1990) argumentam que a prática psicológica baseia-se nos valores subjacentes às teorias, às técnicas e ao próprio modo de ser do psicólogo. Mesmo que esteja claro que a ação profissional não se desenvolve sem pressupostos, quando não se abre espaço para o diálogo, reflexão e elaboração de crenças e valores do próprio psicólogo, este raramente tem a possibilidade de se perguntar sobre o papel que suas crenças e valores religiosos desempenham em sua ação profissional.

A falta de espaço para o diálogo sobre o tema da religião, além de comprometer a prática com seu cliente, compromete a integração dos aspectos espirituais e religiosos do próprio psicólogo.

César (2007, p. 135) relata em sua pesquisa que:

A psicóloga que não encontrou a abertura que lhe permitisse ser ela mesma, considerando as influências recebidas da sua religião, teve grandes empecilhos para elaborar sua visão de homem e de mundo fundamentada na Psicologia. Isso fez com que sua prática não tenha um embasamento teórico consistente, utilizando-se de recortes descontextualizados de várias abordagens (...) sua atuação passou a ser direcionada exclusivamente pelos fundamentos de sua religião, supervalorizando a dimensão espiritual em detrimento das outras dimensões, como a física, a psíquica e a social, reduzindo a origem dos problemas a uma explicação fundamentada somente no espiritual.

Como aponta Ancona-Lopez, M. (2005) a falta de abertura para o tema religião nos cursos de Psicologia impossibilita que ocorra a elaboração e assimilação reflexiva das vivências espirituais gerando um grande distanciamento entre as experiências pessoais e a linguagem profissional. Dificulta-se assim, um diálogo interno e externo consistente.

A autora diz ainda que, quando se estabelece um ambiente propício e acolhedor, os psicólogos descrevem as suas experiências religiosas em linguagem comum, o que pode contribuir para que a atuação do psicólogo seja mais congruente, pois será embasada pelos seus conhecimentos racionais e teóricos, além das suas experiências particulares do cotidiano, que se encontram carregadas de crenças, valores, simbologias, concepções sobre o ser humano, sentidos de vida, e que, dessa forma, acabam por influenciar a prática profissional.

César (2007) coloca que os psicólogos que encontraram espaço adequado no âmbito acadêmico para se expor em sua totalidade, expressando seu modo de pensar e ser, puderam se apropriar adequadamente de uma abordagem teórica para fundamentar sua prática clínica, sem fragmentações e dissonâncias entre sua prática, suas crenças, seus valores

Ribeiro (2004, p. 32) afirma que, quando a Psicologia estuda o homem como uma totalidade dinâmica em processo, ela não se “amedronta diante da ideia de Deus, do sagrado, da espiritualidade, da religião, até porque são esses processos que constituem a identidade individual e social do homem e da comunidade”.

O psicólogo não tem que acreditar em Deus ou ser religioso, mas precisa aprender a conviver com um Deus que mora na humanidade

ou no cosmos e que expressa, frequentemente, nos homens, nos nossos clientes, por meio de gestos que incluem fé, amor, esperança e também, muitas vezes, medo, temor e angústia. (RIBEIRO, 2004, p. 33).

É preciso “considerar a experiência religiosa para conhecer a experiência propriamente humana e vice-versa: eis o desafio e a tarefa”. (MASSIMI E MAHFOUD, 1999, p. 12).

CAPÍTULO II

O CAMINHO DA PESQUISA

2.1 OBJETIVO

- Conhecer e compreender a experiência do supervisor que lida com o tema Psicologia e Religião com seus estagiários na clínica-escola de forma a que estes se sintam acolhidos.

2.2 JUSTIFICATIVA

Durante minha formação não via a possibilidade de aproximar a Psicologia a temas da Religião, mas por meio de conversas informais com alunos de cursos de Psicologia, ouvi relatos sobre supervisores que trabalham o tema da experiência religiosa na clínica-escola com seus estagiários, quando emerge. Essas colocações levantaram, em mim, o desejo de saber quais são os caminhos que esses profissionais encontram para abrir com seus alunos, um espaço para o diálogo entre a Psicologia e a Religião.

As frequentes manifestações dos psicólogos sobre as dificuldades encontradas nos seus cursos de graduação para tratar de assuntos religiosos e o sofrimento decorrente dessa pouca abertura por parte dos professores assinala a importância do tema. A maior parte da literatura aborda o assunto

assinalando as dificuldades. Por essa razão, é interessante abordá-lo em um viés positivo. Conhecer a experiência do professor que é visto pelos seus alunos como alguém capaz de acolher os temas da Religião poderá auxiliar os responsáveis pela formação do psicólogo a propiciarem condições aos alunos para refletirem sobre as questões religiosas e seu papel na vida humana.

2.3 A PERSPECTIVA DA PESQUISA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Desde os mais remotos períodos da humanidade parece ter havido uma necessidade de o homem buscar uma verdade que responda aos seus questionamentos sobre o mundo e sobre sua existência. Como coloca Ribeiro (2004), esse movimento questionador sempre existiu, porém o que veio mudando com a História foram os métodos empregados na busca das respostas a essas questões.

Dessa maneira, a escolha pelo método ou pela teoria relaciona-se diretamente a maneira como concebemos o homem e o mundo.

As maneiras que encontro para olhar para esses questionamentos humanos estão todas embasadas em uma perspectiva fenomenológica. Essa abordagem que me encantou, e aos poucos foi me envolvendo, é o prisma através do qual eu olho o mundo, e também o caminho que encontrei para responder o que questiono nesta pesquisa.

Segundo Forghieri (2004, p. 59), o objetivo da pesquisa fenomenológica em Psicologia é “captar o sentido da vivência da pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano”.

O pesquisador, ao investigar formas concretas de existência ou experiências vividas, inicia o seu trabalho voltando-se para a sua própria vivência, a fim de refletir e conseguir apreender o seu significado em sua existência. (FORGHIERI, 2004).

Dessa maneira, desde o início do trabalho, sentia-me muitas vezes num movimento de “vai e vem” entre as situações vivenciadas por mim, enquanto estudante de Psicologia e a teoria com a qual eu me deparava. Por diversos momentos precisei emergir em minha própria experiência para depois refletir sobre ela, a fim de compreender e elaborar quais eram meus objetivos com esta dissertação e quais significados o tema tem para mim.

Para Delefosse (2001, p. 156), o pesquisador “possui ele mesmo uma consciência e teorias implícitas do conhecimento”. Ao investigar experiências vividas em determinadas situações, deve, portanto, debruçar-se sobre a sua própria vivência a fim de refletir sobre ela para captar-lhe o significado.

Esse movimento de envolvimento e distanciamento é próprio do método utilizado pela Fenomenologia, a redução fenomenológica, e ficou claro para mim que o método não se restringe à análise dos dados, mas está presente desde o início da pesquisa.

A redução fenomenológica constitui-se de dois momentos, paradoxalmente inter-relacionados, denominados envolvimento existencial e distanciamento reflexivo. Ela inicia-se com o envolvimento existencial que consiste no retorno do pesquisador à vivência e sua penetração na mesma procurando sair de uma atitude

intelectualizada para se soltar ao fluir de sua própria vivência, nela penetrando de modo espontâneo e profundo, para deixar surgir a intuição, percepção, sentimentos e sensações que brotam numa totalidade proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva dessa vivência. (FORGHIERI, 2004, p. 60).

Após penetrar na vivência de uma determinada situação, o pesquisador procura estabelecer certo distanciamento, para refletir sobre sua compreensão e tentar enunciar o seu sentido, o significado daquela vivência. Porém, o distanciamento não chega a ser completo; ele deve sempre manter um elo com a vivência, a ela voltando a cada instante, para que a enunciação descritiva seja a mais próxima possível da própria vivência (FORGHIERI, 2004).

2.4 PROCEDIMENTOS

2.4.1 A escolha do colaborador

Diferentemente das pesquisas quantitativas, a escolha dos colaboradores na pesquisa fenomenológica é guiada pelo interesse do pesquisador de uma forma intencional. A fim de desvendar os caminhos utilizados para lidar com o tema, defini como sujeito uma supervisora apontada por seus estagiários como acolhedora das questões referentes à espiritualidade e Religião.

A colaboração dos alunos neste trabalho limitou-se a apontar a supervisora que consideram como alguém que acolhe os temas de religião

quando colocados na supervisão. Não se tratou de saber como o aluno se sente acolhido, mas, sim, buscar compreender as maneiras como a supervisora promove esse acolhimento.

Considereei um critério importante que essa supervisora atue na clínica-escola, lugar no qual os estagiários começam a sua prática como futuros psicólogos, pois é nesse momento que os alunos precisam debruçar-se sobre o outro, encontrar-se de fato com o outro e penetrar em sua vivência, incluindo a religiosa.

Escolhi a colaboradora considerando não só seu envolvimento com o tema da religião na clínica, mas também sua competência em trabalhar como supervisora, o que pude avaliar por meio do seu currículo e pelo que alguns alunos disseram-me em relação a sentirem-se acolhidos em supervisão.

2.4.2 As entrevistas

Para conhecer a experiência da supervisora, utilizei como instrumento a entrevista semidirigida na qual busquei um relato espontâneo e sincero da colaboradora sobre sua vivência. Segundo Giorgi (1995, p. 162), “uma entrevista de explicitação centrada na descrição do vivido por meio de um ato concreto permitirá depreender os modos de construção do sentido”.

O primeiro contato com a colaboradora foi por telefone. Combinamos a data, horário e local: uma quarta-feira durante à tarde, no consultório da entrevistada.

Expliquei qual era meu objetivo com a pesquisa e como surgiu meu interesse por esse tema. Procurei mostrar a importância do estudo e a participação da colaboradora. Esclareci que lhe seria assegurado o direito de liberdade para retirar seu consentimento em qualquer momento do trabalho, além de garantir o sigilo das informações referentes à sua vida pessoal. Portanto, o nome Patrícia,, neste trabalho, é fictício.

Após a entrevista, que foi gravada na íntegra, com a permissão da entrevistada, solicitei que assinasse o termo de consentimento confirmando a autorização para o uso do material.

Todos os cuidados éticos para uma pesquisa com humanos foram respeitados.

A partir da leitura da transcrição da entrevista, surgiu a necessidade de uma segunda, que enfocaria mais o papel da entrevistada enquanto supervisora.

Entrei em contato com a colaboradora por telefone, solicitando essa segunda entrevista, explicando os motivos de tal necessidade. A data e o local foram escolhidos por ela.

Após uma primeira análise das entrevistas, surgiram alguns pontos em relação ao tema que precisavam ser mais bem explorados, então, como anteriormente, entrei em contato por telefone e solicitei uma terceira entrevista

esclarecendo os motivos. A data e o local foram mais uma vez escolhidos pela colaboradora.

As entrevistas – que seguem anexas a este texto – ocorreram de forma muito tranquila e sem transtornos.

2.4.3 A análise

Após o término de cada entrevista, ouvi as gravações e as transcrevi integralmente. Em seguida, apresentei as transcrições à colaboradora; foram autorizadas sem modificações.

Segundo Forghieri (2004), a análise dos dados deve ser feita em dois momentos: envolvimento existencial e distanciamento reflexivo. No primeiro momento, o pesquisador deve deixar de lado seus conhecimentos prévios, deve se colocar num estado de suspensão. O segundo momento é caracterizado pelo distanciamento da vivência para que seja possível refletir sobre a compreensão daquela vivência.

Num primeiro momento, ouvi e li toda a entrevista, procurando imergir no relato. Fiz esse movimento quantas vezes foram necessárias para deixar-me envolver globalmente.

Já em um segundo momento, fiz uma leitura mais reflexiva, com o objetivo de organizar o conteúdo que foi colocado por Patrícia. A partir dessa leitura mais detalhada, elaborei o relato das entrevistas, no qual as expressões

cotidianas da colaboradora foram transformadas em termos apropriados para o estudo que, posteriormente, fundamentou a discussão.

Em um terceiro momento desenvolvi a análise reflexiva, caminhando pela entrevista, em diálogo com autores do campo de estudo em questão, considerando os significados que vieram emergindo durante as leituras anteriores. Esse diálogo ampliou a compreensão da experiência relatada pela colaboradora.

Na conclusão do trabalho, sintetizo os aspectos principais que pude compreender, por meio das entrevistas, sobre a experiência do supervisor que lida com o tema Psicologia e Religião com seus estagiários na clínica-escola, de tal forma que eles se sentem acolhidos.

Finalmente, teço considerações, a partir do trabalho desenvolvido, sobre a formação do psicólogo.

CAPÍTULO III

PATRÍCIA

3.1 PRIMEIRA ENTREVISTA

Patrícia tem aproximadamente 45 anos, é coordenadora e supervisora de clínica-escola de Psicologia. Por seu interesse em temas da religiosidade, realizou estudos na área de Psicologia e Religião, fundamentada na abordagem fenomenológica.

Desde o primeiro contato telefônico com Patrícia, ela se mostrou disposta a participar da pesquisa. Combinamos o horário e o local. Ela escolheu o seu consultório particular, numa quarta-feira durante a tarde.

Nossa entrevista durou aproximadamente uma hora e meia. A entrevistada mostrou-se solícita, atenciosa, procurou responder minhas questões e verificar se suas colocações estavam sendo claras. Ela falou sobre sua postura como psicóloga e supervisora diante de casos clínicos que envolviam temas da religiosidade, sempre de forma muito tranquila e natural.

Para iniciar a entrevista, expus a questão que orienta minha pesquisa: como você lida com o assunto psicologia e religião, quando ele surge na supervisão de seus estagiários?

Patrícia inicia a entrevista situando a religião entre as outras dimensões que constituem o homem. Diz que considera a religião “um aspecto dentre tantos outros (...) que compõem a subjetividade”. Dessa maneira, ela não

ignora esse aspecto religioso e o coloca como um fenômeno que deve ser compreendido caso apareça nos atendimentos clínicos. Patrícia trabalha com essa questão como com quaisquer outras que possam surgir no atendimento.

Patrícia afirma que em sua atuação clínica ela não tem uma posição *a priori* a respeito das religiões, não faz juízos de valor e considera que nenhuma religião é melhor ou pior do que outra. Pelo contrário, procura compreender a vivência de seu cliente a partir das próprias crenças, buscando entender como o mundo se apresenta para ele.

Para exemplificar o que diz, ela apresenta três casos atendidos em psicodiagnóstico interventivo e supervisionados por ela, nos quais emergiu o tema da religiosidade. No primeiro, os pais de uma família evangélica queixavam-se da agressividade do filho.

A sua religião permitia ouvir hinos e não permitia participar das brincadeiras ou assistir aos programas de televisão aos quais as outras crianças assistiam. Quando o menino não obedecia às regras, era punido com uma vara que o pai mantinha na sala, seguindo uma citação bíblica, que diz que é necessário corrigir as crianças com a vara.

Patrícia entendia que, além da agressividade dirigida aos pais, a criança, sentia-se excluída, não pertencendo ao grupo de colegas, por estar fora “das coisas”. E reagia com agressividade. Patrícia esclarece que eram as crenças que existiam na família, e não a religião em si, mas sim como ela era vivida no meio familiar que determinava essa agressividade.

O fato de que essas figuras parentais impunham a ele uma determinada religião que servia para coibir, que seria para reprimir mais ainda os desejos dele, aquilo que ele queria, aquilo que ele

gostava, aquilo que ele significava como positivo. Ele reagia a isso também.

Patrícia diz que procura compreender o caso em todo seu contexto, levando em consideração todos os elementos que surgem, fazendo uma análise de vários aspectos da vida do cliente. Ela busca enxergar a pessoa, além de sua queixa e diagnóstico aparente. Patrícia avalia o cliente e o seu contexto. Ela olha além da agressividade e vê “(...) um menino com bom nível intelectual, com uma boa capacidade criativa, um menino com recursos, capaz de julgar ainda as situações aí do cotidiano.”.

Patrícia, na entrevista devolutiva, diz aos pais como percebe a situação, compartilha sua compreensão do caso e pergunta se eles veem algum sentido, se estão de acordo, se discordam, ou legitimam a percepção que ela e os estagiários tiveram.

Olha vocês dizem pra ele que ele não pode isso, não pode ouvir música, não pode ver TV, não pode fazer isso, fazer aquilo, fazer aquilo outro. Agora ele vai à escola e todo mundo ouve música, vê TV, brinca com os cards, faz uma série de coisas e aí ele está fora disso. As crianças são cruéis, quando tem alguém que está fora. As crianças, que era o que acontecia no caso, dão apelidos, xingam, põem rótulos. E ele fica triste, fica chateado, só que em vez dele manifestar essa tristeza, essa chateação, chorando ou de qualquer outro modo, ele manifesta agredindo. E então o que ele faz, esses meninos que o ridicularizam, ele vai lá e bate neles. E com vocês que são as pessoas que ele entende como aquelas que põem as regras e regras que ele não gosta, especialmente essas ligadas à religião, ele também reage de que forma, agredindo vocês. Então essa é a situação, a minha forma de compreender. Vocês acham que tem algum sentido isso? Vocês acham que tem alguma lógica o que eu estou falando?

Em sua concepção, Patrícia parte da ideia de que no atendimento clínico infantil é preciso chegar a uma compreensão conjunta, a ser legitimada pelos pais e pelo cliente e não apenas pelo psicólogo. O foco de sua atuação está

baseado na tentativa de compreender o significado do fenômeno trazido pelo cliente dentro do seu contexto.

A colaboradora considera mais fácil tratar o tema da religiosidade com os estagiários, do que com os pais da criança. Pois, “as pessoas de um modo geral, tendem a entender isso como um ataque e não um modo da gente compartilhar a nossa discussão sobre como o menino está sentindo aquela vivência”.

Ela exemplifica sua postura com um outro caso no qual a religião aparece como um elo, algo que unia mãe e filha. Uma mulher jovem, com uma filha de seis anos, havia perdido o marido em um acidente, há três. A mãe viveu esse luto com muito sofrimento, mas estava num momento de superação, o que não acontecia com a filha. A queixa era de uma dificuldade muito grande de relacionamento entre as duas. Dizia que, depois da morte do pai, elas não se entendiam. A menina era agressiva e a mãe acabou desenvolvendo modos de evitar ficar com ela. A mãe estava pronta para superar a morte do marido, para reconstruir a sua vida, mas a filha não. A menina ficava muito brava com a mãe que, na visão dela, queria esquecer o pai, e ela não queria que a mãe esquecesse.

No decorrer do atendimento, Patrícia observou que a religiosidade surgia como um canal de comunicação entre mãe e filha, uma maneira de aproximar o relacionamento entre as duas. A mãe relatou que “(...) a única hora que eu digo pra você que eu me sinto bem com a minha filha é a hora que a gente para pra ler a Bíblia (...)”. Patrícia, então, junto aos alunos, procurou explorar um pouco mais essa questão, os sentimentos envolvidos, o relacionamento entre mãe e

filha no momento de leitura. Patrícia, vendo nesse momento um caminho de comunicação entre as duas, incentivou que a leitura fosse feita com frequência, já que era agradável para as duas. Explica que, neste caso, a religião era um aspecto que favorecia o relacionamento, então, devia ser incentivada.

E na minha cabeça, se é esse o canal, se é assim, então aí que eu incentivei mesmo. Então faça isso, faça mais vezes, se é agradável pras duas e as duas estão de acordo. E foi alguma coisa que favoreceu muito a superação da questão das duas.

Patrícia conta um terceiro caso, no qual a vivência de um de seus estagiários contribuiu para a compreensão do cliente. Um adolescente, cujos pais eram espíritas, dizia que a mãe incorporava espíritos e tinha visões. Ele estava exasperado com essa situação; não queria mais conviver com tudo isso, não compartilhava da crença dos pais e queria se afastar de tudo isso. Não suportava mais viver com uma pessoa que ele não sabia exatamente quem era: num momento era a mãe dele, em outro era alguma coisa ou de um outro jeito e, portanto, não era confiável. Durante a discussão do caso em supervisão, um dos estagiários declarou que compreendia aquela situação, pois tinha experiências próximas a essas: “(...) Um dos alunos falou assim: bom, eu sei o que é isso porque isso faz parte da minha vivência. E aí ele narrou lá um pouco a vivência dele e tal”.

Patrícia declara que, geralmente, não deixa que seus alunos falem sobre sua vida pessoal durante a supervisão. Entretanto, ela abriu um espaço para que o estagiário expusesse sua experiência, pois reconheceu a possibilidade de compreensão que poderia emergir. A vivência do aluno permitiu “(...)

penetrar exatamente no sentido que aquele adolescente estava dando pra aquela experiência dele”.

(...) especialmente nesse caso o depoimento desse aluno, ele permitiu, vamos dizer, quase que a concretização, quase que uma visualização mais concreta, vamos dizer assim, de qual seria a vivência de alguém que vive cercado de espíritos desse modo.

Em seguida, a colaboradora reflete sobre o tema de pesquisa e retoma o que colocou no início da entrevista.

(...) a religião ou essa parte mais espiritual, seja adesão religiosa a um credo definido, ou a crenças, a dogmas que são institucionalizados, o que fica mais claro para mim a cada dia é que isso no meu modo de trabalhar, tanto com os alunos quanto com os casos, faz parte da subjetividade humana, como qualquer outro aspecto. Eu não ignoro esse, como não ignoro os outros.

Patrícia reafirma que sua prática é embasada na concepção de que a dimensão religiosa não pode ser ignorada. Recoloca ainda que, não há religião melhor ou pior que outra, mas o que é determinante, o que é benéfico ou não vai depender “da maneira como a pessoa significa aquela experiência religiosa”. Dessa maneira, sempre tenta “compreender isso no conjunto de dados” que possui.

Patrícia aponta três formas de olhar para a religião ou religiosidade da pessoa. Numa dessas formas, a religião ampara, facilita o desenvolvimento. E neste caso, esse aspecto religioso precisa ser ressaltado e incentivado, por exemplo, “como foi o caso da mãe e da filha lá, que rezavam juntas e isso era bom pra elas, isso tinha uma função benéfica ao relacionamento das duas”.

Por outro lado, há casos em que a religião dificulta, não é um facilitador do desenvolvimento. O tema deve ser então abordado de uma maneira que a outra pessoa não se sinta agredida de alguma forma; é bom ter o cuidado de não deixar subentendido que a religião ou crença não são boas, mas, sim, o modo como está sendo vivida. A entrevistada diz que sempre procura entender como os pais, e a criança, estão entendendo o que ela ou os estagiários dizem. Ressalta que tem o cuidado de não fazer intervenções que possam ser interpretadas como críticas.

Eu nunca critico diretamente a religião ou a crença ou a coisa em si, eu sempre tento fazer eles verem que do ponto de vista da criança ou ela não está entendendo direito o que eles estão querendo passar ou a coisa está pesada demais pra ela e ela não está conseguindo suportar. Então, o comportamento dela, como no caso do menino que eu te contei, é um comportamento reativo a uma forte pressão que ela está sentido e que ela não está conseguindo lidar, conviver, com essa pressão e ela acaba então tendo um comportamento, vamos dizer, considerado não correto pela escola, pelos pais, mas como uma reação à pressão que ela está sentido também por conta da religião. Se eu sou evangélico, eu não posso fazer nada. Então, era uma coisa, vamos dizer assim, verbalizada pela criança, não era nem uma compreensão psicológica da coisa, quer dizer, era alguma coisa que entrava, que fazia parte do psicológico, mas que ele conseguia perceber claramente o quanto que essa situação vivida, ele conseguia perceber, ele conseguia dizer, o quanto que essa situação vivida o incomodava, o atrapalhava e o quanto que ele tinha raiva de ser obrigado a compactuar com tudo isso.

Patrícia relata que no atendimento de psicodiagnóstico interventivo sempre pergunta qual a religião, faz uma avaliação da religiosidade e procura compreender como o cliente vivencia a dimensão religiosa:

(...) às vezes nessa compreensão da religiosidade (...) ela me dá alguma coisa substancial que me permite, por exemplo, ter essa compreensão que eu tive nesse caso. Às vezes não, e se não, não num sentindo assim, às vezes a religião é vivida, mas ela não é uma atrapalhação na vida da pessoa e ela também não é um, enfim, ela é uma coisa, como é que eu vou dizer, que fica assim morna, ela nem ajuda e nem atrapalha, vamos dizer, ela não tem muita função na vida da pessoa.

Esta é a terceira forma que ela tem de olhar para a religião: como algo que não tem uma função obrigatoriamente definida na vida da pessoa. Nesse sentido, a religião não é vivida propriamente. A pessoa diz ter uma religião, mas não reza, não vai à igreja. Nesses casos a religião é apenas uma fachada “aquilo não tem uma função é só uma fachada, um jeito da pessoa se apresentar para o mundo ou alguma coisa que ela nem, vamos dizer, tem clareza para ela mesma”.

Nesses casos, a entrevistada não trabalha esse aspecto. Se a pessoa não vive a religião com um significado próprio, ela não explora o tema. Patrícia enfatiza que apenas trabalha o aspecto religioso se este surge no atendimento “como um benefício ou como alguma coisa que não beneficia. De outro modo, se a pessoa não traz isso como... com nenhum significado maior eu também não vou atrás disso”.

Antes do término da entrevista, Patrícia ressalta que o tema da religião ou religiosidade não é um tabu, não é algo proibido de ser discutido, é um aspecto que entra em sua compreensão dos casos assim como outros. Ela sempre procura compreender essa questão religiosa junto com os outros dados que possui sempre em um contexto.

Patrícia se coloca de forma muito natural e tranquila ao falar sobre a religião ou religiosidade, sem impor restrições ao falar sobre o assunto. Ela procurou enfatizar que em sua concepção de homem esse aspecto espiritual é mais um elemento entre os outros que ela busca compreender na totalidade da pessoa. Patrícia apresenta segurança para transitar entre universos distintos

como o da psicologia e o da religião, investigando possibilidades de compreensão do cliente.

3.2. SEGUNDA ENTREVISTA

A segunda entrevista foi feita a partir da necessidade que senti de abordar a postura da colaboradora como supervisora clínica e explorar mais o tema da minha pesquisa, já que na primeira entrevista, Patrícia falou mais de seu papel como psicóloga clínica.

Através de contato telefônico, expliquei a necessidade de uma segunda entrevista e ela aceitou minha solicitação, marcando dia e hora adequados em seu consultório particular. Ainda por telefone, procuramos esclarecer qual era o objetivo dessa entrevista.

Nesta segunda entrevista, eu me senti mais tranquila e confiante, com maior possibilidade de compreender a experiência que Patrícia relatava. A entrevista durou aproximadamente quarenta e cinco minutos. Transcorreu, como a primeira, de forma muito tranquila e sem transtornos. A colaboradora foi muito atenciosa e preocupou-se em focar em seu relato seu papel como supervisora clínica.

Entre a conversa com Patrícia ao telefone e a entrevista propriamente dita transcorreram-se alguns dias, o que deu a possibilidade da colaboradora pensar sobre o tema. Dessa maneira, Patrícia chegou para a segunda entrevista já com algumas reflexões e logo no início do nosso encontro contou que perguntou a seu aluno o que ele sentiu da sua supervisão, quando lhe foi

permitido falar sobre sua vivência no caso do cliente espírita que ele compreendia, pois tinha vivenciado algo semelhante.

O aluno respondeu que se sentiu acolhido, não se sentiu constrangido ao falar sobre sua vivência. Para ele, a supervisora “não criticou, não achou que era um horror”, ao contrário, acolheu o relato e “fez isso com naturalidade”. O aluno acredita que Patrícia proporciona um espaço para que os alunos falem sobre como foram mobilizados em relação aos casos. “(...) acho que a tua supervisão você focaliza muito essa coisa do que você sentiu, como você viveu, então acho que você.. .éh...assim”.

Patrícia concorda com a colocação do aluno quando ele fala sobre como vê sua forma de atuar em supervisão.

Acho que o seu jeito de lidar é assim, geralmente você pergunta o que que você sentiu, quando você tava lá com o cliente você sentiu o que, percebeu como, ah... o que você aprendeu daquilo que eu tava te falando. Que é o meu jeito de fazer a supervisão.

Ela relembra o atendimento em supervisão e conta que o aluno disse que compreendia como o cliente se sentia, pois ele também já se sentira da mesma maneira. Então, seu apontamento foi o de permitir que o aluno relatasse sua experiência e utilizá-la para tentar compreender o mundo daquele cliente.

(...) eu deixei ele falar, ouvi o que ele falou, acho que tem sido uma coisa assim...falei: bom, então você entende bem qual foi a experiência dele ... é ... o Marcelo está relatando que entende a experiência do outro, quer dizer, usei um pouco essa experiência pessoal é como uma forma de ... de compreender ou penetrar na vivência da outra pessoa.

Patrícia diz que, quando perguntou ao aluno como ele se sentiu ao relatar sua experiência, tinha passado de uma maneira “tão, tão, tão natural que ele nem se lembrava muito”. Para ele, falar de sua experiência religiosa não foi diferente de falar sobre outros tipos de experiência. “(...) foi tão, tão do mesmo jeito que é com todas as outras coisas, eu não me senti especialmente diferenciado nesse negócio da religião do que em outras coisas”.

Patrícia justifica sua forma de atuação baseada no preceito de que a experiência pessoal pode ser um instrumento para compreender a experiência do outro. E acrescenta que faz isso com todos os aspectos, inclusive com o religioso. Ela explica que se o aluno for utilizar a vivência que tem “no sentido de compreender, de apreender a vivência do cliente, pode ser religião, pode ser de qualquer outra coisa, pra mim tanto faz, eu vou enfatizar”.

Patrícia diz que, em seu papel de supervisora, permite que seus alunos falem sobre assuntos que envolvam a religião, dialoga com eles. E quando surge o tema, ele é discutido da mesma maneira como são discutidos outros temas, pois não faz “uma separação entre o que é da religião e o que é da... são outros aspectos da personalidade humana ou do existir humano”. E dessa forma, no momento em que assuntos relacionados à religião surgem, os alunos sentem-se à vontade para falar, pois ela não coloca “(...) isto como um divisor de águas ou como alguma coisa que é diferente do resto do...do repertório” que é trabalhado em supervisão.

Ela relata que percebe que seus alunos falam sobre religião normalmente, que olham para a questão da religiosidade com naturalidade, pois a percebem como mais um entre os outros aspectos do homem.

Patrícia coloca que não pensa se vai ou não trabalhar com o tema da religiosidade, mas simplesmente trabalha quando ele surge, assim como faz com outros aspectos. Para ela “(...) se isso aparecer ele deve ser trabalhado como qualquer outra coisa e eu não vou impedir meu aluno de olhar pra isso se for o caso, como eu não impeço de olhar pra qualquer outro aspecto”.

A colaboradora não impede a discussão do tema da religiosidade, mas acrescenta que ajuda o seu aluno a não misturar o seu universo com o do cliente.

Para exemplificar como atua como supervisora, Patrícia dá o exemplo de um aluno que ela reprovou. O aluno atendeu um cliente em um Plantão Psicológico e não conseguia contar em supervisão como foi o atendimento. Dizia que compreendeu tudo o que o cliente trazia, pois era muito parecido com ele, mas não conseguia contar. Patrícia pediu ao aluno que usasse sua compreensão dos sentimentos do cliente para falar do atendimento: “(...) já que você entendeu tão bem o outro, usa a tua experiência de compreender os sentimentos dele pra me contar”. Mas o aluno não conseguiu. Ela diz que reprovou esse aluno, pois ele não conseguiu o distanciamento necessário para compreender a experiência, ou, pelo menos, para falar dos sentimentos que o impediram de expor o atendimento.

A entrevistada relata que é cuidadosa ao fazer a supervisão, pois tem o temor, a preocupação de não deixar que a supervisão se transforme numa “terapia de grupo”. Ela propicia o espaço para o aluno expor sua vivência, mas tem o cuidado de limitar essa exposição apenas ao que se refere aos atendimentos, apenas ao que irá ajudar a compreender o caso, à vivência da

outra pessoa. Patrícia diz que procura fazer o aluno descrever “como é que eles foram afetados no atendimento porque como o trabalho é todinho fenomenológico” sua atuação está sempre pautada na relação.

Patrícia explica que esse espaço para a descrição da vivência é próprio da atitude fenomenológica em Psicologia, abordagem que ela adota em sua atuação. Ela possibilita a fala do aluno, abre esse espaço para o diálogo para que sejam discutidos todos os assuntos que surgem e que é necessário discutir. A entrevistada reafirma que a religião é um deles, pois é uma das dimensões entre outras que nos constitui.

Então eu estou sempre achando que eu afeto o outro, mas o outro também me afeta de algum modo, não é? Então eu sempre procuro deixar vir à tona isso, como que eu senti ou como que você sentiu aquele atendimento ou quando você disse isso pra aquele paciente, porque que você disse? O que passou na tua cabeça? De que lugar você saiu? Como que você entendeu? O que você apreendeu pra fazer esta ou aquela intervenção, (...) eu sempre procuro deixá-los falar. Eu não sei, por isso também a hora que vem: ah ... bom eu até entendo porque tive uma vivência aí parecida, não sei o que, tal, fica então natural entendeu? Porque eu to sempre buscando o que você sentiu, você tava atendendo, mas ele mobilizou você de qual maneira, de que forma..

Patrícia reflete sobre sua postura ao lembrar-se de um episódio que aconteceu há anos. Relata o caso de uma aluna que em supervisão contou que era espírita e havia visto uma pessoa ao lado de sua cliente. A supervisora conta que ficou surpresa, mas antes de responder à aluna, avaliou como ela era, como atuava e não encontrou nenhum indício que pudesse preocupá-la do ponto de vista psicológico. Patrícia considerou a aluna inteligente e organizada, além de adequado, o seu modo de ver a cliente. Então perguntou como ela lidava com a visão desse espírito ao lado da cliente, no atendimento. A aluna disse que não fazia nada, sabia que não podia misturar as suas crenças com o

atendimento, mas queria contar o que havia acontecido. Patrícia reforçou a sua postura de não misturar suas crenças com o mundo da cliente.

(...) você não vai fazer nenhuma doutrinação aí de acordo com seus preceitos religiosos, então eu acho que tudo bem, eu não sei como é que você lida com isso, como você lida com essa situação, (...) a única coisa que eu quero dizer é o seguinte, eu não sou, não vou atacar a sua crença e dizer que não acredito, que não sei o que, porque isso não está em jogo, a única coisa que eu posso te dizer é que eu não gostaria que você misturasse isto ao atendimento psicológico, porque este universo é seu

Patrícia não criticou ou julgou a crença da aluna, não colocou em questão a visão do espírito, mas considerou o modo como a aluna lidou com ela. Mantendo seu papel de supervisora, Patrícia deixa claro que o importante é não imiscuir o seu universo com o do cliente. E acrescenta que o Espiritismo não é sua religião e que, enquanto supervisora, não saberia lidar com isso.

(...) eu não quero que isso apareça no atendimento psicológico e não quero simplesmente porque eu não saberia lidar com isso, eu enquanto supervisora não saberia lidar com isso, na minha crença não é essa, eu tenho, enfim, não saberia como, então nós não vamos deixar que isto entre... no atendimento..., entre assim ..., não que entre ... entre, como uma forma de você atuar isso.

Alguns anos depois, essa aluna, já psicoterapeuta, mandou um recado para Patrícia por meio de um conhecido comum:

(...) ela mandou te dizer que ela lembra de você com muito carinho, porque ela tem um registro (...) de você de muito acolhimento, de muita..., de muita compreensão em relação ao tempo que você supervisionava ela.

A aluna não se referiu especificamente ao caso relatado, mas Patrícia acredita que esse recado teve relação com essa supervisão ocorrida há anos. Ela conta que na ocasião teve a impressão de que a aluna, quando falou da visão do espírito, sentiu medo de ser criticada de alguma maneira, mas Patrícia

a ouviu e a acolheu, não deixando de colocar os limites cabíveis à situação de supervisão:

Ela me dava a impressão de que ela achava que ela ia levar uma tremenda descompostura, entendeu? E eu acho que não foi isso que eu fiz, eu coloquei um limite que era o limite daquilo que eu achava que podia dar conta num atendimento psicológico. Mas eu não eu não dei uma dura, não acabei com ela, enfim, ou critiquei de alguma forma, enfim, eu coloquei um limite que era um limite meu, enquanto supervisora, mas eu possibilitei a fala dela, a expressão daquilo.

Fazendo uma reflexão sobre sua atuação como supervisora, Patrícia coloca que por ela não fazer diferença entre os assuntos ligados à religião e os outros aspectos da vida humana, por não ter bloqueios em relação ao tema e poder abordá-lo com naturalidade, seus alunos também o abordam dessa maneira.

A forma como ela atua em supervisão influi de alguma forma na maneira como os alunos olham e lidam com o tema da religiosidade em seus atendimentos. Eles também acabam compreendendo a religiosidade como parte integrante do sujeito e lidam com o assunto de maneira natural.

Eu acho que na hora que eu sou supervisora ... Como eu aceito isso naturalmente, eu acho que eles também se acham..., passíveis de falar isso também naturalmente, sei lá, eu acho que não fica assim, isso eu posso falar, isso eu não posso falar, podem falar se o tema é aquele, se aquilo mobilizou de algum jeito, se mobilizou nele alguma referência, ele pode falar como pode falar de qualquer outra coisa.

Patrícia atribui seu interesse pela religiosidade ao fato de vê-la como um facilitador para que os alunos falem sobre o assunto abertamente. Conta que não diz de maneira explícita que se pode falar sobre religião, mas seus alunos sabem de seu interesse na área, através de seus trabalhos. Esse interesse, ou talvez, essa pré-disposição para falar sobre o tema deixa-os mais à vontade

para discutir o tema e dizer que também o consideram importante, pois sabem que o assunto não é proibido.

Agora o que eu percebo (...) por eu ter essa postura, talvez por eles saberem do meu interesse na área, então, eles se sentem mais à vontade pra dizer pra mim que eles também acham importante essa coisa da religião, então, que eles também acham importante que no diagnóstico a gente avaliar um pouco a religiosidade da família e tal pra gente conseguir entender direito o caso. Eu acho que o meu interesse, ele facilita um pouco a expressão do aluno.

Patrícia conta que na supervisão surgem temas relacionados à religião e à religiosidade, independentemente de terem aparecido nos atendimentos; eles são discutidos. Ela diz que coloca sua opinião sobre o tema, sem entrar em questões conotativas de valor em relação às religiões. Patrícia se posiciona de maneira transparente colocando sua opinião, porém, faz questão de ressaltar que não discute as crenças individuais dos alunos.

Eu não discuto as crenças individuais de cada um, eu na verdade eu nem sei qual é a (pausa) nem sei, não é uma coisa que eu pergunto, isso entra quando entra lá entendeu, eu não discuto vida pessoal ou crença

Patrícia encerra a entrevista enfatizando o que veio relatando ao longo do seu discurso. Diz que, por perceber a religiosidade como parte integrante do existir humano, aborda o assunto da mesma forma como aborda outros aspectos da subjetividade.

Eu tenho tantos anos pensando na minha postura, fazendo uma reflexão sobre..., sobre o tipo de postura que eu tenho, mas não. O que me ocorre é isso que eu te falei, entendeu? Eu acho que é..., como eu não tenho essa divisão. Quer dizer, a sensação que eu tenho é que meu aluno ele fica à vontade pra falar sobre religião caso ele tenha que falar, é essa a sensação que eu tenho.

Nessa segunda entrevista, Patrícia reflete sobre essa questão do acolhimento e observa que diante de sua postura, de seu interesse pelo tema, seus alunos não demonstram nenhum desconforto se precisarem relatar algo de sua própria vivência, que envolva aspectos religiosos.

3.3 TERCEIRA ENTREVISTA

A terceira entrevista foi realizada a partir de uma necessidade percebida no momento da qualificação deste trabalho. Os examinadores perguntaram se o acolhimento às questões religiosas proporcionado por Patrícia estava relacionado com o fato de ela ser religiosa ou não.

Novamente, entrei em contato com Patrícia por telefone e expliquei a questão que me levava a um terceiro encontro. A entrevista, que durou aproximadamente vinte minutos, aconteceu no dia e horário marcados, na instituição na qual Patrícia trabalha. Apesar do pouco tempo em que transcorreu esse encontro, o relato de Patrícia respondeu satisfatoriamente a minha questão.

Logo no início da entrevista, Patrícia recoloca que lida com o tema da religião apenas quando este aparece, assim como qualquer outro.

Diz que é uma pessoa religiosa, católica, e diz que, talvez por isso, o tema da religião não lhe soa estranho. Ela não sabe dizer se a sua postura de acolhimento frente ao tema deve-se ao fato de ser religiosa, pois a religião

pode aparecer no atendimento psicológico de diversas formas, inclusive contrária à religião na qual ela acredita.

Patrícia coloca que a postura fenomenológica também influencia muito sua postura, pois, para ela, a postura fenomenológica “é a postura de não saber”. Não há nada prévio a respeito do cliente, o que possibilita abarcar a sua experiência, na medida do possível, em sua totalidade.

Eu não tenho nada anterior onde eu possa encaixar o cliente, então eu entendo que essa postura de não saber ela permite, vamos dizer, que eu abarque a experiência do cliente, digamos assim, na sua totalidade, na sua totalidade assim, na medida do que é possível essa totalidade (...). Então, como eu não sei nada sobre ele, eu parto de um lugar de não saber, tudo que ele me diz, do meu ponto de vista me permite compreendê-lo, inclusive o aspecto religioso.

Patrícia diz que é essa postura de “não saber” que trabalha com seus alunos, pois, especialmente, o aluno que chega ao quinto ano é aquele que quer uma cartilha, um enquadre no qual possa encaixar o cliente. Quando descobre que não há um modo de fazer pronto, uma forma de encaixar o cliente em uma teoria, ele sente-se surpreso por um lado, e por outro se sente mais à vontade para falar da sua vivência com o cliente “sem censurar ou ignorar alguma parte dessa experiência do cliente”.

Patrícia diz não encontrar algo específico que determine sua postura, mas que há um misto de elementos. Diz haver influências por ser religiosa e pela abordagem fenomenológica; reflete que é possível, também, pensar o inverso. A sua postura não sofre apenas influência da abordagem fenomenológica, mas ela buscou a “(...) postura fenomenológica porque ela está de acordo com a pessoa que eu sou”.

Patrícia coloca que o que influencia sua postura são todos os elementos que a compõem como pessoa em sua totalidade.

Na verdade eu não sou só religião, eu não sou só fenomenologia, eu sou uma pessoa. O que me influenciou, são todas as coisas que eu sou, que me levam a essa postura e incluindo a religião, a abordagem teórica, todas as coisas que me compõem, que me fazem ser quem eu sou, talvez isso, eu não sei te elencar disso daí uma coisa que eu possa dizer que foi determinante disto. Não, eu acho que todas as coisas, todas as construções da minha vida.

Patrícia acrescenta: “eu também não me vejo, diferente com meus alunos, com os meus pacientes ou com a minha família”. Ela coloca que se vê como uma pessoa inteira, “e a pessoa que eu sou ela aparece nas diferentes instâncias da minha vida”.

Patrícia termina a entrevista dizendo que sua religião é a católica, mas “também não quer dizer que eu levo a religião ao pé da letra, Eu procuro levar a religião do meu jeito e nem sempre coincide completamente com os pressupostos, as ideias da religião católica”. Ela acredita em Deus, sente-se uma pessoa religiosa, mas de uma forma crítica faz suas interpretações e avaliações.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS DE PATRÍCIA

Quando se estabelece um ambiente propício, acolhedor, os psicólogos descrevem suas experiências religiosas em linguagem comum, rica de detalhes, carregada de afetividade e, muitas vezes, de forma poética. São relatos de histórias pessoais, nas quais, se encontram crenças, valores, simbologias, concepções sobre o ser humano, sentido de vida. (ANCONA-LOPEZ, M., 2005).

Quando o aluno chega ao último ano da faculdade, precisa colocar em prática os conhecimentos teóricos que aprimorou ao longo de sua formação. É principalmente na clínica-escola que o estagiário aprende a olhar para o outro, penetrar em seu universo e compreendê-lo a fim de lhe oferecer ajuda. E nesse momento de formação profissional e pessoal, a postura adotada pelo supervisor é muito importante.

Ao começar seus estágios, o aluno dá seus primeiros passos na prática específica do fazer psicológico: compreender a vivência do outro, captar o sentido de suas experiências.

Como se não bastasse a dificuldade de tal aprendizagem, o estagiário de Psicologia também precisa lidar com o fato de que “(...) o instrumento de trabalho do psicólogo é ele mesmo. Ao cuidar da vida dos outros, fica diretamente implicada a revisão e exame de sua própria vida, de sua personalidade, conflito, frustrações”. (MORATO, 1996, p. 88).

Dessa forma, o processo de supervisão consiste em ensino, aprendizagem e crescimento. O aluno desenvolve o seu papel de terapeuta e,

como diz Yehia (1983, p. 34) “para o estagiário não se trata somente de um processo de aprendizagem, mas de um processo de crescimento”

De acordo com YEHIA (1983), a aprendizagem para tornar-se terapeuta, principalmente nas supervisões, é uma experiência tanto intelectual quanto emocional, sendo que a emocional é a mais significativa.

O estagiário chega à clínica-escola com sua história, seu modo de ser, e, em geral, ansioso por iniciar os atendimentos. O ir ao encontro do outro e dos seus problemas costuma mobilizar as próprias questões existenciais e colocá-lo em contato com a sua própria forma de ver a vida e o mundo. Essa é uma das razões que permite afirmar que a experiência emocional na aprendizagem é tão ou mais importante que a aprendizagem intelectual. No desenvolvimento das habilidades para tornar-se psicólogo, espera-se que o aluno cresça também enquanto pessoa, pois é como tal que ele vai atender seu cliente. E nesse percurso, é o supervisor quem vai auxiliá-lo.

Nas palavras de Forghieri (2007, p. 60): “Ao mestre compete ajudar o estudante a desvendar os vários caminhos de sua existência, dentro do fisicamente pequeno, mas vivencialmente imenso, espaço de uma sala de aula”.

Morato (1996) coloca que o processo de transformação que ocorre na experiência de supervisão propicia o surgimento de uma aprendizagem significativa. Para a autora, o processo de aprendizagem revela-se como possibilidade de compreensão e conhecimento e, portanto de atribuição de significados. Dessa maneira, a aprendizagem acontece quando na vivência da supervisão é propiciado um momento de criação no qual dimensões cognitivas

e afetivas se integram: “O que ‘significa’ um conceito não pode ser conhecido nem usado sem o correspondente ‘sentir’ do seu significado”. (MORATO, 1996, p. 94).

Proporcionar uma aprendizagem na qual seja possível integrar a dimensão afetiva à cognitiva exige do supervisor uma postura de abertura à experiência do outro, pela qual o aluno é aceito em todas as suas dimensões.

Amatuzzi (1989) diz que o mais importante no educador é a sua postura, sua atitude, disposição, e não as suas teorias. Destaca a importância de focalizar a experiência do supervisionando em uma atitude dialógica, para facilitar a construção de um conhecimento real, que se transforme em ação.

Esteves (2009, p. 40) acrescenta que, “por meio do diálogo, a fala autêntica deve ser buscada, visando o crescimento e a transformação dos alunos no seu processo de formação”. A autora (2004) diz que a postura dos docentes, de modo geral e frente a temas da religião de modo particular, interfere na formação dos alunos. Ela ressalta que a pessoa em formação deve ser vista em seu todo, com um olhar que busque uma compreensão global da realidade.

O acolhimento proporcionado por Patrícia em suas supervisões mostra que, na relação com seus alunos, ela vai além do aprendizado intelectual: busca acolher o aluno na sua dimensão emocional, no que ele sente em relação ao atendimento e em relação à supervisão. Patrícia sabe que afeta o outro e é afetada por ele e, por isso, procura compreender o que os alunos sentem:

Eu sempre procuro deixar vir à tona isso, (...) como que você sentiu aquele atendimento ou quando você disse isso pra aquele paciente, porque que você disse? O que passou na tua cabeça? De que lugar você saiu? Como que você entendeu? O que que você apreendeu pra fazer esta ou aquela intervenção.

Nessa visão, Patrícia compartilha com Ancona-Lopez, M. (2005) a ideia de que quando acontece o encontro com o outro, estabelece-se uma relação de reciprocidade, na qual ambos se influenciam mutuamente.

É na interação com os outros e com o mundo que renovamos sempre os significados de nossas experiências. Na própria relação terapêutica buscamos nos abrir para o outro e, no espaço relacional, o outro e eu somos mutuamente afetados. Mas, somos desde sempre afetados também por nossas percepções, sensações, (...) pelo que vimos e ouvimos (...), por nosso contato com as coisas e com a natureza. (ANCONA-LOPEZ, M. 2005, p.3)

Essa maneira de explorar os significados, de procurar compreender como os alunos são afetados relaciona-se com o que coloca Andó (2000), que conceitua acolher como levar em consideração, agasalhar. A autora postula que há acolhimento na relação de supervisão, quando está presente o olhar atento do supervisor para o aluno e vice-versa, numa relação de consideração pelas experiências.

Para Andó (2000), o aluno, quando acolhido, tem a possibilidade de “vivenciar seus limites bem como suas possibilidades” (ANDÓ, 2000, p. 192). O estagiário desenvolve-se enquanto profissional, na medida em que olha para si mesmo e reflete sobre os próprios sentimentos e pensamentos aprendendo a abrir-se para os sentimentos, reflexões e pensamentos do outro.

Patrícia mostra a sua postura de abertura ao outro, ao permitir que os alunos falem de sua vivência. Ela dirige-se a experiência do aluno por meio do

diálogo e busca possibilitar ao aluno a fala autêntica, estimulando o aprendizado, o autoconhecimento e o crescimento.

Segundo Hermann (2002, p. 94), o diálogo.

(...) se constitui na força do próprio educar – que é educar-se – no sentido de uma confrontação do sujeito consigo mesmo, com suas opiniões e crenças, pela condição interrogativa na qual vivemos.

Baseando-nos em Hermann (2002, p. 95), podemos afirmar que Patrícia, em sua supervisão, estabelece o lugar do diálogo, “portanto o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos” para conduzir seus alunos à formação profissional e pessoal.

Partindo da palavra e da reflexão, Patrícia aproxima-se do vívido por seus alunos por meio de um ouvir ativo, criando um relacionamento de confiança que proporciona a possibilidade de poder falar sem medo de ser julgado. Mahoney e Almeida (2004) colocam que o ouvir ativo é captar o que está por trás da fala. É ouvir não só a fala, mas apreender o que está envolvido na mensagem, especialmente os sentimentos presentes naquela dada situação.

Essa postura da supervisora inserida no contexto da supervisão proporciona, segundo Esteves (2009, p. 42-43), “uma relação que permita ao aluno poder falar sobre qualquer tema, sem ficar intimidado por ser um tema que poderá causar polêmica ou constrangimentos, como é o caso da religiosidade”.

Essa relação de acolhimento surge na fala de seus alunos. Um de seus estagiários declarou que ele se sentiu acolhido quando relatou sua experiência

religiosa, pois Patrícia “não criticou, não achou que era um horror, mas eu achei que você fez isso com naturalidade (...), não me senti constrangido”. Uma ex-aluna, em certa ocasião, mandou um recado para a supervisora dizendo que se lembra dela com muito carinho, como uma pessoa muito acolhedora.

Patrícia coloca-se entre as pessoas com um jeito diferenciado de ouvir, como cita Rogers (1983):

(...) pessoas que foram capazes de perceber o significado do que eu dizia um pouco além do que eu era capaz de dizer. Estas pessoas me ouviram sem julgar, diagnosticar, apreciar, avaliar. Apenas me ouviram, esclareceram-me em todos os níveis em que eu me comunicava (p. 8).

Patrícia enfatiza que tem a preocupação de não deixar que a supervisão se confunda com terapia de grupo. Dessa maneira está sempre atenta à exposição das experiências dos alunos nos atendimentos, de modo a evitar que mobilizem vivências profundas que não possam ser contidas no espaço da supervisão.

Quando o aluno mostra que compreende o que se passa com o cliente, Patrícia valoriza e explora a empatia como qualidade importante para o trabalho clínico.

Patrícia lembra que a experiência pessoal é um instrumento para compreender a experiência do outro. Para ela, se o aluno utilizar sua experiência, sua vivência “no sentido de compreender, de apreender a vivência do cliente, pode ser religião, pode ser de qualquer outra coisa, tanto faz, eu vou enfatizar”:

Captar o mundo particular do cliente como se fosse o seu próprio mundo, mas sem nunca esquecer esse caráter de “como se” – é isso a empatia, que surge como essencial no processo terapêutico. Sentir

angústia, o receio ou a confusão do cliente como se tratasse de sentimentos seus e, no entanto, sem que a angústia, o receio ou a confusão do terapeuta se misturassem com os do cliente. (...) Quando o mundo do cliente é claro para o terapeuta, que nele se movimenta à vontade, nesse caso ele pode comunicar sua compreensão do que é claramente conhecido pelo cliente e pode igualmente exprimir significados da experiência do cliente de que este dificilmente tem consciência. (ROGERS, 2009, p. 327).

Ales Bello (2004) afirma que não é possível conhecer todas as vivências do outro, mas que é possível entender o que o cliente está vivenciando e que expressa por meio de sua fala, de seus gestos, da expressão do rosto e da atitude corporal.

Para Patrícia é de fundamental importância que seus alunos aprendam a compreender o que o outro está vivenciando, porém de igual importância é o aluno não se imiscuir no mundo do cliente. Quando seu aluno capta o mundo do cliente como se fosse o seu, mas não consegue o distanciamento necessário, ela procura ajudá-lo a voltar para o lugar do “como se”. Quando, ainda assim, o aluno não consegue o distanciamento necessário para o trabalho terapêutico, ele pode ser reprovado, o que mostra que o fato de Patrícia acolher e compreender os seus alunos não impede que ela exerça seu papel de formadora e os avalie.

Sua forma de atuar permite que o aluno encontre um sentido para sua experiência na clínica. Como expõem Morato e Schimidt (2001), a aprendizagem é um fenômeno que marca presença na experiência humana como forma de transformação, de criação de sentido. Patrícia proporciona o que as autoras chamam de aprendizagem quente, momento em que dá a possibilidade de os alunos criarem um sentido a partir da integração das dimensões cognitiva e afetiva.

Em suas supervisões, Patrícia avalia os casos que surgem na clínica considerando sempre o contexto em que se apresentam. Quando emergem temas referentes à religiosidade, essa dimensão é vista como parte constituinte da pessoa. Para ela, a dimensão religiosa, em seu modo de trabalhar, “tanto com os alunos, quanto com os casos, faz parte da subjetividade humana, como qualquer outro aspecto”.

Ela considera que a religião não é nem boa e nem má em si. Entende que a Religião, como diz Amatuzzi (1999, p. 124), é “campo das indagações últimas, das indagações pelo sentido, que estão implicitamente presentes em todas as demais indagações ou movimentos humanos”. Sendo assim, o importante é conhecer como a pessoa atribue sentido a essa experiência.

Amatuzzi (1999) e outros autores mostram em seus estudos sobre o desenvolvimento psicológico e religioso que é possível viver a religiosidade de diversas formas e modos. Esteves (2009) acrescenta que este conhecimento ajuda a reconhecer e avaliar os processos pelos quais as pessoas passam, trazendo critérios para compreender quando uma prática religiosa pode ser patológica ou não, assim como pode haver distúrbios no desenvolvimento psicológico de qualquer pessoa.

Por meio do modelo de Wulff (1997), é possível compreender a atitude que Patrícia adota frente à religiosidade. Entre as quatro atitudes básicas citadas pelo autor, Patrícia apresenta uma atitude de interpretação restauradora, na medida em que ela afirma a transcendência, sem julgar as ideias ou as pertenças religiosas. Patrícia, de acordo com Wulff (1997), busca

compreender e aproximar-se do fenômeno religioso abrindo-se às vivências religiosas de seus alunos e dos seus clientes.

Patrícia não apresenta dificuldades em aceitar as crenças e escolhas de seus alunos, mesmo quando diferentes das suas. O pressuposto da interpretação restauradora, segundo Wulff (1997), é não fazer nenhum tipo de julgamento referente às questões religiosas. Isto pode ser demonstrado na fala de Patrícia, quando diz: “Sem emitir um juízo de valor desta ou daquela religião, não tem um a priori do tipo ah não, se é espírita então é ruim ou se é católico é ruim ou se é evangélico não é legal, não”.

Ancona-Lopez, M. (1999) lembra que as posições adotadas por Wulff (1997) não são estáticas e não devem ser usadas para classificar as pessoas em categorias, mas servem de referência para compreender os vários modos como se aproximam da religião em diferentes momentos.

Nos casos supervisionados por Patrícia que envolvem questões religiosas podemos ver sua atitude de não crítica. Junto aos estagiários ela avalia os casos em sua singularidade, deixando claro que não são as crenças ou a religião que dificultam este ou aquele comportamento, mas sim, o modo como são vividas.

Da mesma forma, em relação aos alunos, Patrícia considera que o mais importante é o modo como lidam com essas questões. Em uma das supervisões, na qual uma aluna falou das próprias questões religiosas mobilizadas durante o atendimento, Patrícia acolheu a aluna em sua singularidade, levando em consideração vários aspectos, como o emocional,

psicológico e a sua atuação no estágio. Patrícia não colocou em questão as crenças da aluna, mas a forma como ela lidava com o tema no atendimento.

Patrícia menciona que, quando os alunos chegam ao quinto ano, eles esperam encontrar uma receita pronta sobre o fazer psicológico, um modo de encaixar a sua atuação e o cliente nas teorias que aprenderam até então. Outros autores, que discutem a formação do psicoterapeuta iniciante, como Yehia (1996), colocam que os estudantes de psicologia possuem alguma bagagem teórica, frequentemente mal assimilada, e praticamente nenhuma vivência prática. Para Boris (2008), o psicoterapeuta iniciante pode acabar buscando apoio excessivo nas técnicas ou mesmo na adesão rígida à teoria “em detrimento do desenvolvimento de uma atitude compreensiva, escamoteando sua própria insegurança” (p. 169). Ainda de acordo com o autor, uma das grandes dificuldades dos estagiários diz respeito à confusão sobre como lidar com os sentimentos envolvidos na relação psicoterapêutica.

Por meio de sua postura, Patrícia procura levar seus alunos à compreensão de que não há uma receita pronta, mas que o psicoterapeuta se encontra numa postura de não saber. Patrícia trabalha com seus alunos a compreensão da vivência, da experiência que o cliente trás. Ela procura construir junto aos seus alunos a capacidade de afetar e deixar-se afetar pelo outro. Sua postura está em consonância com o que coloca Guedes (1985, p. 15) sobre o que é ser psicoterapeuta:

(...) sua arte é 'tocar' as pessoas. 'Tocar' pela palavra, gesto, afeto, expressão, olhar, movimentos etc., nos seus pontos sensíveis, adormecidos, cristalizados, encantados. Eu consigo 'tocar' quando fui ou estou sendo tocado por essa mesma pessoa.

Por meio de sua postura, a colaboradora procura ensinar a seus alunos o que Morato (1996, p. 89) considera a especificidade do fazer do psicoterapeuta: “a qualidade de sua função receptora ou empatia”.

A maneira como Patrícia procura ensinar seus alunos está em consonância com o que postula Hermann (2002). Para a autora “o que interessa reter para a formação é justamente a ideia de um movimento do ser que volta a si mesmo a partir do outro” (HERMANN, 2002, p. 100). Isso envolve, necessariamente, o que Patrícia proporciona a seus alunos: uma situação de aprendizagem baseada na concepção do sentido por meio de um exercício que leva em conta a própria existência.

Ainda de acordo com a autora, a formação é uma abertura para o reconhecimento da alteridade, “fazendo com que sejamos capazes de dar sentido àquilo que vem de fora de nós, o que significa compreender o outro e o saber cultural”. (HERMANN, 2002, p. 102).

Podemos compreender um pouco mais a atuação de Patrícia quando olhamos para todos os elementos que embasam sua postura. Sabe-se que a atuação do supervisor está alicerçada em suas escolhas teóricas, suas crenças e na maneira em que integra esses elementos. Patrícia é coerente em seu modo de trabalhar, pois sua visão de homem, sua maneira de olhar para a religião e a postura que adota com seus alunos diante dos casos supervisionados apóiam-se mutuamente.

Ela tem consciência de que a escolha da teoria que fundamenta sua prática profissional está intimamente relacionada à sua forma de ver o mundo, suas crenças, sua história. Para Forghieri (2004, p. 3):

A ciência psicológica está entrelaçada à vivência do psicólogo; e é na alternância interligada das teorias com sua vivência que ele vai chegando às suas preferências teóricas e convicções, como profissional e como ser humano, que experimenta alegrias e tristezas semelhantes às dos sujeitos que ele pretende conhecer: são convicções imbuídas de conceitos teóricos racionais e de crenças que ele não consegue explicar satisfatoriamente, pois surgem não apenas da coerência de seu raciocínio como, também, de seus sentimentos e de sua vivência imediata global.

Podemos dizer que a visão que Patrícia tem do homem é o eixo fundamental para compreender sua escolha teórica e forma de atuação.

Em consonância, a abordagem fenomenológica que adota, Patrícia procura compreender o existir humano em sua totalidade. Autores da Psicologia da Religião, como Aletti (2004), Ancona-Lopez, M. (2005), Safra (2005), Giovanetti (1999), entre outros, concebem a espiritualidade e as religiões como constitutivas do ser humano. Ribeiro (2004) acrescenta que o ser humano é um ser bio-psico-socio-espiritual, que torna o homem um ser holístico, global. Dessa forma, para Patrícia, a dimensão religiosa é uma entre as demais constituintes da subjetividade do homem e ela lida com esse aspecto como lida com os demais, considerando-os na sua totalidade de sujeito.

Patrícia recorre aos princípios da Fenomenologia não apenas para embasar sua atuação, mas também como espaço para refletir suas inquietações referentes à dimensão espiritual, ou a outro qualquer tema abordado pela psicologia. A atuação de Patrícia mostra-se congruente com suas crenças pessoais. Lembrando, Forguieri (2004, p. 58), “as situações que alguém vivencia não possuem, apenas, um significado em si mesmas, mas

adquirem um sentido para quem a experiencia, que se encontra relacionado à sua própria maneira de existir”

Patrícia mostra ter claro para si o que colocam Shafranske e Malony (1990). Os autores argumentam que a prática psicológica baseia-se nos valores subjacentes às teorias, técnicas e ao próprio modo de ser do psicólogo. Quando Patrícia reflete sobre os aspectos que influenciam sua postura, mostra que o que a influencia são todos os elementos que a compõem. Esta ideia está de acordo com Ribeiro (2004), quando afirma que todo significado nasce da totalidade da existência da pessoa. Dessa maneira, para Patrícia, não é possível elencar algumas influências sem fragmentá-la.

(...) eu acho que é um misto aí de todas as coisas que eu sou. Na verdade eu não sou só religião, eu não sou só fenomenologia, eu sou uma pessoa. O que me influenciou, são todas as coisas que eu sou, que me levam a essa postura e incluindo a religião, a abordagem teórica, todas as coisas que me compõe, que me fazem ser quem eu sou, talvez isso, eu não sei se elencar disso daí uma coisa que eu possa dizer que foi determinante disto, não, eu acho que todas as coisas, todas as construções da minha vida.

Entretanto, a análise da entrevista de Patrícia permite destacar alguns aspectos: a visão de homem, as vivências que se deram ao longo de sua vida, sua abordagem teórica, a maneira como concebe a religião e o fato de ser uma pessoa religiosa.

Patrícia não permite que suas crenças se misturem à supervisão de seus alunos, mas, sabe que a religião pode influenciar sua postura. Por essa razão, lembra que a tarefa de supervisão não é simples, requer conhecimento teórico e prático, além de autoconhecimento e segurança para transitar por questões diversas. Patrícia demonstra essas qualidades quando estabelece um limite entre o que é supervisão e o que é psicoterapia. Ela acolhe e explora os

sentimentos de seus alunos, ajudando-os a entender melhor esses sentimentos, dentro do contexto e limites da supervisão.

(...) grande parte das dificuldades vividas nos processos de supervisão, particularmente na clínica-escola, deve-se à sua semelhança e, ao mesmo tempo, à sua diferença em relação ao trabalho psicoterápico. Se, por um lado, a supervisão não se propõe a ser um espaço de intervenção do supervisor nas questões pessoais e íntimas dos estagiários, por outro lado, sem uma real compreensão do vínculo entre seus temas existenciais e os processos que ele acompanha, a supervisão corre o risco de tornar-se um mero estudo teórico-técnico distanciado. O grande desafio é, portanto, o de articular estes dois pólos, sem confundi-los. (BORIS, 2008, p. 176)

4.1 Conclusão

Patrícia faz o caminho inverso daquele apontado por diversos autores da área e tira os temas religiosos do lugar de tabu, que usualmente ocupa nos cursos de psicologia, colocando-os em discussão. Dessa maneira, este estudo permitiu apontar que é possível acolher as questões religiosas que emergem nas supervisões como qualquer outro tema. Esse acolhimento se expressa por meio de uma aprendizagem significativa, proporcionada por um ouvir ativo estabelecido numa relação dialógica transformadora; essa relação permite ao aluno falar sobre o tema sem receio de ser julgado. A supervisora leva em consideração as vivências de seus alunos dirigindo o seu olhar para os próprios sentimentos e pensamentos, possibilitando que se abram ao outro. Sua postura é influenciada pela sua visão de homem, pelas vivências que se deram ao longo de sua vida, por sua abordagem teórica e pela maneira como concebe e vive a religião. Essa postura acolhedora é importante uma vez que poderá auxiliar outros responsáveis pela formação do psicólogo, a propiciarem

condições aos alunos para refletirem sem temor e preconceito sobre as questões religiosas e seu papel na vida humana.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nunca é a meta final que interessa, mas tão somente a viagem e até mesmo o primeiro e pequeno passo com que se enceta a jornada”.

Heidegger

O objetivo deste trabalho foi conhecer e compreender a experiência do supervisor que lida com o tema Psicologia e Religião com seus estagiários na clínica-escola de forma a que estes se sintam acolhidos.

Durante o desenvolvimento desta dissertação foi possível perceber o quanto eu mesma ia sofrendo modificações, tanto pessoal quanto profissionalmente. Tornei-me mais crítica e menos lamuriosa, mais flexível, porém resistente às dificuldades e vicissitudes que todos nós podemos enfrentar ao longo de um trabalho como este e no decorrer da própria vida.

Minha atuação como supervisora clínica foi especialmente influenciada na medida em que as reflexões realizadas nesta pesquisa interferiram e modificaram minhas atitudes, fizeram com que eu me voltasse mais para a experiência dos alunos e abarcasse as suas diferentes vivências, inclusive as religiosas.

Enquanto refletia sobre a postura da colaboradora frente à dimensão religiosa, refletia também sobre minha postura enquanto professora e supervisora. Se no início eu vivia inquietações por não saber como acolher temas da religião, o desenvolvimento da dissertação tornou possível uma atuação mais segura e tranquila.

O caminho que foi trilhado também iniciou um processo de amadurecimento como pesquisadora, pois pude observar mudanças em meu modo de estar presente nos encontros com a colaboradora. A cada entrevista diminuía minha ansiedade, o que me abriu a possibilidade de mergulhar em sua vivência e compreendê-la.

O trabalho realizado mostrou as maneiras que Patrícia encontra para abrir-se aos assuntos relacionados à psicologia e à religião em supervisão. O acolhimento proporcionado pela supervisora possibilita, por meio de um ouvir ativo, a promoção de uma relação dialógica transformadora.

Patrícia proporciona aos seus alunos uma aprendizagem significativa. A supervisora trata a teoria e a prática numa relação dialética e busca uma integração entre sentimento e cognição. Isso é possível, por Patrícia ter sua visão de ser humano, sua abordagem teórica e sua prática, integradas de forma consistente.

Para Patrícia, a dimensão religiosa é constitutiva do ser humano e pode vir à tona a qualquer momento, independentemente de ele estar ligado a uma denominação religiosa. Ela atua em congruência com a visão fenomenológica e é enfática ao dizer que é apenas quando o tema da religiosidade vem à tona, que ele é trabalhado.

O acolhimento dessas questões não deveria ser algo estranho ou até mesmo alheio para a psicologia, porém, como vimos no início deste trabalho, elas dificilmente são abarcadas na clínica, justamente numa profissão que se propõe a trabalhar com a subjetividade, singularidade e diversidade humana. O que se observa na prática é que os preconceitos e as dificuldades pessoais dos

profissionais da área costumam prevalecer, indo contra a própria proposta da área

Dessa forma, diante do que foi exposto e discutido é possível afirmar que se torna urgente um reposicionamento dos supervisores de alunos dos cursos de Psicologia e de todos os profissionais que trabalham com a formação desses alunos, de modo a olhar o homem em sua totalidade.

Essa dissertação foi importante para mim, pois encontrar um supervisor que acolhe e trabalha questões religiosas mesmo, como no caso da entrevistada, que lida com o tema somente quando este emerge, ajudou-me a ampliar as compressões de fenomenologia, de prática clínica e supervisão, de psicologia e religião, proporcionando-me articular melhor os conhecimentos técnicos e teóricos.

Espero que este trabalho possa contribuir para a discussão de caminhos possíveis sobre como lidar com a dimensão religiosa, assim como suscitar novas pesquisas sobre o assunto. Mas espero, principalmente, que os representantes, formadores de profissionais da psicologia – destaco aqui o professor supervisor – posicionem-se com relação a essa dimensão humana como bio-psico-socio-espiritual do homem. Reconheço que falar sobre o tema não é suficiente, porém é um passo inicial no caminho que leva a outras maneiras de atuar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALES BELLO, A. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Trad. Mahfoud, M. e Massimi, M. (Orgs.). Bauru, SP: EDUSC, 2004.

ALLETI, M. A representação de Deus como objeto transicional ilusório. Perspectivas e problemas de um novo modelo. In: PAIVA, G. J; ZANGABI, W. (Org). In **A representação na religião**: perspectivas psicológicas. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

AMATUZZI, M. M. **O resgate da fala autêntica**: filosofia da psicoterapia e da educação. Campinas: Papirus, 1989.

_____. Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.) **Diante do mistério**: psicologia e senso religioso. São Paulo: Loyola, 1999, p. 123-140.

_____. Uma aproximação fenomenológica à experiência religiosa. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.) **Temas em Psicologia e Religião**. São Paulo: Vetor, 2007, p. 209-216.

ANCONA-LOPEZ, M. A espiritualidade e os psicólogos. In: AMATUZZI, M. M. (Org.) **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 147-159.

_____. As crenças pessoais e os psicólogos clínicos: orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPES, M. (Org.) **Temas em Psicologia e Religião**. São Paulo: Vetor, 2007, p. 185-205.

ANDÓ, M. O. Supervisão fenomenológica existencial: supervisão em educação. In: CASTRO, D. S. P. et al. **Fenomenologia e análise do existir**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Shobraphe, 2000, p. 191-196.

BORIS, G. D. J. B. **Versões de sentido**: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008, p. 165-180.

CÉSAR, C. F. D. A. **Histórias de vida, opções teóricas em Psicologia**: uma abordagem fenomenológica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

DELEFOSSE, M. S.; ROUAN, G. **Les méthodes qualitatives em psychologie**. Dunod: Paris, 2001.

ESTEVES, M. C. S. O significado da religião na formação do psicólogo: um estudo em andamento. In: V Seminário Nacional de Psicologia e Senso Religioso, 2004, Campinas. **Anais do V Seminário Nacional de Psicologia e Senso Religioso: religião e espiritualidade**. Campinas: PUCCAMP, 2004.

_____. **Os significados da religiosidade para docentes supervisores do curso de psicologia.** Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, métodos e pesquisa. Pioneira: São Paulo, 2004.

FORGUIERI, Y. C. **Aconselhamento terapêutico:** origens, fundamentos e prática. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

FRANKL, V. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Psicoterapia para todos.** Petrópolis: Vozes, 1990.

GIORGI, A. Phenomenological Psychology. In: SMITH, J.; HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. (Ed.) **Rethinking Psychology.** London: Sage Publication, 1995.

GIOVANETTI, J. P. O sagrado e a experiência religiosa na psicoterapia. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.) **Diante do mistério:** psicologia e senso religioso. São Paulo: Loyola, 1999, p. 87-96.

_____. Psicologia existencial e a espiritualidade. In: AMATUZZI, M. M. (Org.) **Psicologia e espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005, p. 129-145.

GLEISER, M. **A dança do universo:** dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUEDES, A. M. Abel Marcos Guedes. In: PORCHAT, I.; BARROS, P. (orgs.). **Ser Terapeuta:** Depoimentos. São Paulo: Summus, 1985, p. 15-26.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOSGRILBERG, R. S. O empírico e o fenomenológico na situação psicoterápica. In: CASTRO, D. S. P. et al. **Fenomenologia e análise do existir.** São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Shobraphe, 2000, p. 153-163.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. O ouvir ativo: recurso para criar um relacionamento de confiança. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (Org.) **As relações interpessoais na formação de professores.** São Paulo: Loyola, 2004.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.) **Diante do mistério:** psicologia e senso religioso. São Paulo: Loyola, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORATO, H. T. P. Aprendizagem significativa e supervisão: um recorte possível, In: CARVALHO, R. M. L. L. (org): **Repensando a formação do psicólogo:** da informação à descoberta. Campinas – São Paulo, Áinea, Coletânea da ANPEPP, (9): 83-97, 1996.

MORATO, H. T. P.; SCHMIDT, M. L. S. **Aprendizagem significativa: informação e narrativa**. Biblioteca do Laboratório do Imaginário, 2001.

POKLADEK, D. D. Supervisão segundo abordagem fenomenológica existencial. In: CASTRO, D. S. P. et al. **Fenomenologia e análise do existir**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Shobraphe, 2000, p. 197-212.

RIBEIRO, J. P. Religião e Psicologia. In: **Psicologia, religiosidade e fenomenologia**. HOLANDA, A. (Org.) Campinas: Editora Alínea, 2004, p. 11-36.

ROGERS, C **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

_____. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SAFRA, G. Espiritualidade e religiosidade na clínica contemporânea. In: AMATUZZI, M. M. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

SHAFRANSKE, E.; MALONY, H. N. **Clinical Psychologists Religious and Spiritual Orientations and Their Practice of Psychotherapy**. American Psychological Association, USA, 1990.

_____. Practice of Psychology: a case for inclusion. In: SHAFRANSKE, E. **Religion and the clinical practice of psychology**. American Psychological Association, USA, 1996.

VALLE, J.E.R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. M. (Org.) **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 83-107.

VERGOTE, A. **Psicologia Religiosa**. Madri: Taurus, 1969.

YEHIA, G. Y. **Proposta de uma técnica alternativa de supervisão de estágio para a formação de psicólogos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1983.

_____. **Clínica-Escola: Atendimento ao estagiário ou atendimento ao cliente**. Coletâneas da ANPEPP, v. 1, n. 9, p. 109-118, 1996.

WULFF, D. M. **Psychology of religion: classic & contemporary**. New York: John Wiley & Sons, 1997.

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO PRIMEIRA ENTREVISTA

Entrevistador: Como você lida com o assunto psicologia e religião, quando emerge com seus estagiários em supervisão?

Entrevistado: Eu considero que a religião é um aspecto dentre tantos outros, que compõe a subjetividade deles. Então, eu lido com esse aspecto como eu lido com os demais. Eu quero te dizer o seguinte, vamos supor que a questão, eu lido com o aspecto cognitivo, eu lido com o aspecto familiar, com o aspecto da... sei lá..., da interação social da criança e lido com o aspecto religioso da criança, da família, da mesma forma. Isso na minha concepção não é bloqueado, é tratado, quer dizer, como qualquer outra dimensão que apareça e que eu tenha que fazer uma leitura, ou que eu tenha que entender e tal. Sem emitir um juízo de valor desta ou daquela religião, não tem um a priori, do tipo ah não..., se é espírita então é ruim ou se é católico é ruim ou se é evangélico não é legal, não. Eu tento entender a vivência daquela família ou daquela criança a partir dessas crenças, como é que o mundo se apresenta pra ela. É isso que eu faço.

Entrevistador: Conte-me algum caso ou alguma situação que você tenha lidado com esse assunto, na supervisão.

Entrevistado: Bom eu tive várias. Por exemplo, eu tive um menino uma vez em Campinas que o menino e os pais dele também evidentemente eram de religião evangélica. E ele vinha pra clínica com uma queixa de agressividade. Ele era agressivo, ele era filho único, de pais assim já de certa idade, de uma

idade mais avançada. E ele em matéria escolar, ele aprendia tudo na escola, mas ele batia nos meninos. E, bom, e a gente conversando com a mãe devido à escola e tal... Bom, depois de uma série de coisas ficou muito claro o seguinte: que a questão religiosa era uma das questões que fazia com que essa necessidade emergisse da criança em relação aos colegas. Porque isso? Porque a religião deles só permitia ouvir hinos, não permitia ver televisão, não permitia quase nenhum tipo de brinquedo. E era uma época em que as crianças gostavam muito de brincar com aqueles cards e ele gostava, mas era proibido pra ele porque isso era uma coisa do demônio, sei lá o que, não podia, o pai não deixava. E o pai tinha até uma varinha que ficava pregada na sala por conta de uma citação bíblica que dizia que a gente tem, mais ou menos isso, que corrigir as crianças com a vara, e sei lá o que, e o pai usava isso textualmente. Então, como eu entendia o caso? E era isso que eu tratava com os meus alunos. Eu entendia o seguinte, que esse menino ele acabava indo na escola, além de ser jogada sobre ele uma carga grande de agressividade pelas figuras parentais porque toda vez que ele manifestava o desejo de assistir televisão ou de fazer... ou de jogar os cards ou de fazer qualquer coisa que pra ele era divertido e ele queria, ele era punido com a tal da vara. A sensação de exclusão, de não pertencimento, de estar fora das coisas era muito forte pra ele. Porque ele chegava à escola, então, se tinha passado um desenho que todo mundo via e os meninos estavam conversando e ele não via ele não podia conversar, se estavam jogando cards ele não podia fazer. E na minha avaliação, essa sensação de exclusão, de coisa assim, era um desencadeador dessa agressividade. Então, ele reagia ao estar de lado, ao não pertencer, com agressividade. Então, claro, ele não podia jogar e ele batia lá em todos os

meninos. Na minha visão, eram essas crenças, não a religião em si, mas as crenças e como isso era vivido no meio familiar é que determinava essa agressividade. E isso foi tratado com supervisão e foi tratado com a mãe, o que eu considero muito mais difícil que tratar com os estagiários. Tratar com a mãe é sempre muito mais complicado, porque geralmente os pacientes, as pessoas de um modo geral, tendem a entender isso como um ataque e não um modo da gente compartilhar a nossa discussão sobre como o menino está sentindo aquela vivência. Mas, é... do jeito que eu estou falando com você sobre o que aconteceu do caso é o jeito que eu falo com os meus alunos sobre o tema, entendeu? Não existe nenhuma restrição de falar sobre esse assunto como eu falaria de qualquer outro.

Entrevistador: Você tem algum outro caso que você possa estar contando como você atuou com os alunos, como você enxergou com os alunos?

Entrevistado: Além desse? Bom, eu tenho um monte de casos, eu tive casos, por exemplo, em que a religião ao contrário do que pode se pensar, mas a religião era que... vamos dizer, era aquilo que unia a mãe à criança. Deixa eu contar primeiro qual era o caso. Era o caso em que era uma mulher jovem, uma filha de seis anos, ela havia perdido o marido três anos antes num acidente de moto. Uma coisa muito traumática tanto pra mãe quanto pra filha. Mas a mãe viveu esse luto assim com muito sofrimento e tal, mas a mãe, acho que estava num momento de superação desse luto, o que já não acontecia com a menina. A divergência entre elas era grande e essa era a queixa. A dificuldade de relacionamento entre mãe e filha, embora a menina tivesse seis anos, a partir da morte do pai as duas não se entendiam, a menina era extremamente agressiva com a mãe. E a mãe, ela começou a desenvolver

mecanismos de evitação de ficar com aquela filha. Então, ela queria sair, ela queria trabalhar e não queria ficar. E quando eu fui compreendendo o caso, eu fui vendo o seguinte, a mãe pronta pra superar e pra esquecer e pra reconstruir a vida dela, a criança não. Então, quando a criança percebia que essa mãe ia dar um passo pra frente, essa criança segurava essa mãe de várias formas, algumas bem objetivas. Por exemplo, em algum momento a mãe disse que ia sair com as amigas, sei lá onde ela ia, então ela saía com as amigas, quando ela voltava a menina tinha espalhado fotos do pai pela casa inteira, desde a porta da rua até a cama da mãe tinha foto. Então, claramente essa menina ficava muito brava com essa mãe que queria esquecer aquele pai e ela não queria que a mãe esquecesse, ela queria que aquele pai tivesse presente ali, presentificado no domínio familiar. E aí, mas de tudo de tudo, que era um relacionamento complicado e difícil, tinha uma coisa que as duas faziam juntas que era ler a bíblia e rezar por esse pai. E nesse momento era um momento que a mãe dizia que encontrava muita paz e a menina de certo modo também. Então, nesse caso, eu entendi o seguinte: se esse era o canal viável e possível de comunicação entre elas, eu deveria incentivar, então, esse canal. Então, por exemplo, esse dispositivo de ler a bíblia junto, eu incentivei, dei força, e isso na hora que foi ampliado, que foi, vamos dizer, legitimado um pouco por elas e por mim também, de algum modo, trouxe uma maior compreensão de parte a parte, tanto da mãe para com a filha quanto da filha para com a mãe. Não sei se dá pra entender o que estou falando, mas quando elas contaram o negócio da bíblia, a mãe contou num relance, falando assim: a única hora que eu digo pra você que eu me sinto bem com a minha filha é a hora que a gente para pra ler a bíblia e pra fazer uma oraçãozinha, porque de resto é um inferno, ela vive

falando no pai, eu escondo as fotos, ela procura e acha e ... não sei o que ... enfim. E aí, eu procurei explorar isso junto com os alunos, quer dizer então, como é que é, como você se sente, como ela se sente, eu fiz uma sessão conjunta com elas um pouco, abordando um pouco isso, entre outras coisas, mas abordando isso também. E aí, a gente viu que esse era o canal de comunicação possível pra elas. E na minha cabeça, se é esse o canal, se é assim, então aí que eu incentivei mesmo. Então faça isso, faça mais vezes, se é agradável pras duas e as duas estão de acordo. E foi alguma coisa que favoreceu muito a superação da questão das duas. Bem isso. Recentemente, no plantão psicológico que eu faço em uma faculdade a gente teve um caso de um adolescente em que os pais eram espíritas. Então, a mãe... ela acabava assim incorporando espíritos, ela tinha visões, sei lá o que, e eles acreditavam muito em reencarnação de espíritos. E aí o menino, o adolescente lá estava assim exasperado porque ele não queria mais conviver com tudo isso, ele não compartilhava de tudo isso, ele não queria mais estar naquela casa, ele queria sair de casa, ele queria, enfim... Ele não suportava mais viver com uma pessoa que ele não sabia exatamente quem era, que era a mãe dele, ou que cada hora, segundo ele, era alguma coisa ou era de um jeito, que aquilo não era confiável e tal e não sei o que ... E durante a supervisão, a gente estava discutindo isso no grupo de alunos e um dos alunos falou assim: bom, eu sei o que é isso porque isso faz parte da minha vivência. E aí ele narrou lá um pouco a vivência dele e tal. Eu não costumo deixar muito os alunos falarem da sua vida pessoal, não gosto muito dessa exposição de alunos na sala de aula, mas especialmente nesse caso o depoimento desse aluno, ele permitiu, vamos dizer, quase que a concretização, quase que uma visualização mais concreta,

vamos dizer assim, de qual seria a vivência de alguém que vive cercado de espíritos desse modo, não estou fazendo aí nenhum juízo de valor sobre espiritismo, mas desse modo que o adolescente comentou, entendeu? Então, o depoimento do aluno, a vivência do aluno, serviu pra gente um pouco se apropriar pra gente penetrar exatamente no sentido que aquele adolescente estava dando pra aquela experiência dele. Acho que, de um modo geral, são coisas mais ou menos nesse sentido que eu vivo, quer dizer, acho que fica mais claro pra mim a cada dia que passa é que a religião ou essa parte mais espiritual, seja adesão religiosa a um credo definido, ou seja, a crenças a dogmas que são institucionalizados, o que fica mais claro pra mim a cada dia é que isso no meu modo de trabalhar tanto com os alunos quanto com os casos, faz parte, faz parte da subjetividade humana, como qualquer outro aspecto. Então eu não ignoro esse, como eu não ignoro os outros? É mais ou menos assim que eu lido.

Entrevistador: Você tem mais alguma coisa que gostaria de estar contando, gostaria de estar compartilhando mais alguma experiência?

Entrevistado: sobre casos?

Entrevistador: ... de como você lida com os alunos com o tema?

Entrevistado: Não sei Aline, porque acho... basicamente é isso que eu faço, entendeu? Acho que o que me move é, assim, é não ignorar esse aspecto e entender que a religião, da maneira como eu penso, não acho que ela é boa nem ruim, então nunca tem um a priori sobre bom... a espírita é boa, a católica é ruim, a evangélica não sei o quê. Eu nunca tenho um a priori sobre isso. Pra mim ela é boa ou ruim dependendo da função que ela ocupa na vida da

peessoa, dependendo da maneira como a pessoa significa aquela experiência religiosa. Então eu tento compreender isso no conjunto de dados que eu tenho. Existem situações em que a religião ela é compreendida e vivida pela pessoa de uma forma que ela ajuda, ampara, facilita o desenvolvimento da pessoa. E nesse sentido, eu acho que eu tenho que dar força, acho que eu tenho que, enfim, ressaltar isso. Como foi o caso da mãe e da filha lá... que rezavam juntas e isso era bom pra elas, isso tinha uma função benéfica ao relacionamento das duas. Agora existem outros casos, como o do garoto que a religião tinha lá um sentido que não estava ajudando, não era um facilitador do desenvolvimento dele, ao contrário, era alguma coisa que dificultava. Então, nesse caso, eu tento abordar com a mãe, com os estagiários, com os pais, essa questão, nunca agredindo, vamos dizer, a religião ou dizendo que a religião não é boa ou que a crença não está boa, não. Eu sempre parto da idéia com os pais de como que a criança deles está entendendo aquela comunicação que eles querem passar. Eu nunca critico diretamente a religião ou a crença ou a coisa em si, eu sempre tento fazer eles verem que do ponto de vista da criança ou ela não está entendendo direito o que eles estão querendo passar ou a coisa está pesada demais pra ela e ela não está conseguindo suportar. Então, o comportamento dela, como no caso do menino que eu te contei, é um comportamento reativo a uma forte pressão que ela está sentido e que ela não está conseguindo lidar, conviver, com essa pressão e ela acaba então tenho um comportamento, vamos dizer, considerado não correto pela escola, pelos pais, mas como uma reação à pressão que ela está sentido também por conta da religião. Se eu sou evangélico, eu não posso fazer nada. Então, era uma coisa, vamos dizer assim, verbalizada pela criança, não era

nem uma compreensão psicológica da coisa, quer dizer, era alguma coisa que entrava, que fazia parte do psicológico, mas que ele conseguia perceber claramente o quanto que essa situação vivida, ele conseguia perceber, ele conseguia dizer, o quanto que essa situação vivida o incomodava, o atrapalhava e o quanto que ele tinha raiva de ser obrigado a compactuar com tudo isso.

Entrevistado: Eu queria entender um pouquinho a situação que você procura compreender essa questão, principalmente nesse caso desse menino e como que você compreende com seus alunos e intervém, como nesse caso...

Entrevistado: Eu não entendi sua pergunta.

Entrevistador: Por exemplo, você disse que tem essas questões que você trabalha e você procura compreender essa questão religiosa que esse menino está trazendo...

Entrevistado: Junto com os outros dados.

Entrevistador: Junto com os outros dados... E como você faz essa compreensão e essa intervenção, por exemplo, como nesse caso desse menino? Como foi compreender esse caso e a intervenção nesse caso?

Entrevistador: Não sei. Eu acho que compreender o caso é mais ou menos o que eu já te disse. Não sei o que eu mais eu poderia te dizer daquilo, quer dizer, era um menino que quando eu fui olhando pra ele, era um menino com bom nível intelectual, era um menino com uma capacidade, uma boa capacidade criativa, enfim, um menino com recursos, capaz de julgar ainda as situações aí do cotidiano, quer dizer, eu tinha uma série de elementos. E do

ponto de vista afetivo emocional, quer dizer, que era onde eu achava que a coisa pegava, né? Ele, vamos dizer, ele reagia, conforme eu te disse, àquilo que não estava agradando a ele de uma forma agressiva. E especificamente, nesse caso, as figuras parentais eram figuras tidas como muito autoritárias, então ele reagia também a essa questão das figuras parentais rígidas ou pouco afetivas, autoritárias, vistas por ele como punitivas e tal. Agora, além de tudo isso, existia também, vamos dizer, o fato de que essas figuras parentais impunham a ele uma determinada religião que servia para coibir, que servia para reprimir mais ainda os desejos dele, aquilo que ele queria, aquilo que ele gostava, aquilo que ele significava como positivo. E ele reagia a isso também. Então, a religião entra aí pra mim como mais um item dentre tantos outros que eu tinha e essa é a minha compreensão do caso em si. Como foi tratado com os pais? Foi tratado desse modo que eu estou lhe dizendo. Olha vocês dizem pra ele que ele não pode isso, não pode ouvir música, não pode ver TV, não pode fazer isso, fazer aquilo, fazer aquilo outro. Agora ele vai à escola e todo mundo ouve música, vê TV, brinca com os cards, faz uma série de coisas e aí ele está fora disso. As crianças são cruéis, quando tem alguém que está fora, as crianças, que era o que acontecia no caso, dão apelidos, xingam, põem rótulos. E ele fica triste, fica chateado, só que em vez dele manifestar essa tristeza, essa chateação, chorando ou de qualquer outro modo, ele manifesta agredindo. E então o que que ele faz, esses meninos que o ridicularizam, ele vai lá e bate neles. E com vocês que são as pessoas que ele entende como aquelas que põem as regras e regras que ele não gosta, especialmente essas ligadas à religião, ele também reage de que forma, agredindo vocês. Então essa é a situação a minha forma de compreender. Vocês acham que tem

algum sentido isso, vocês acham que tem alguma lógica, o que eu estou falando? Enfim, aí eu vou trabalhando com os pais da minha forma, no meu jeito de trabalhar pra ver se eles legitimam a percepção que eu tive. Eu parto da idéia de que a compreensão tem que ser uma compreensão conjunta, então não adianta ser só minha, tem que estar legitimada por eles. E no caso em questão esses pais foram bem acessíveis, apesar da rigidez religiosa foi um pouco como se eles nunca tivessem pensado nisso. Então, eles flexibilizaram um pouco e na hora que flexibilizaram isso teve uma grande repercussão no comportamento da criança, teve uma grande mudança no comportamento da criança que, eu entendo, se sentiu acolhida nas suas necessidades, amada e que pôde, vamos dizer então, recuar nessa coisa aí de agressividade. Mais ou menos assim.

Entrevistador: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado: Acho que não Aline. Acho que é o que eu posso te contar da minha vivência, quer dizer, acho que a única coisa que eu teria que marcar, mas que eu já falei, é isso. Pra mim é assim, não é um tabu, não é uma coisa proibida de ser dita, é uma coisa, é um aspecto que entra na minha compreensão como entram outros, agora se ele não existe ou se ele, enfim, se ele não existe... Eu sempre pergunto qual é a religião, faço lá um pouco a avaliação da religiosidade, a compreensão da religiosidade lá. Agora, às vezes nessa compreensão da religiosidade que foi o motivo do meu doutorado, ela me dá alguma coisa substancial que me permite, por exemplo, ter essa compreensão que eu tive nesse caso. Às vezes não, e se não, não num sentindo assim... às vezes a religião é vivida, mas ela não é uma atrapalhação na vida da pessoa e ela também não é um..., enfim, ela é uma coisa..., como é

que eu vou dizer, que fica assim morna, ela nem ajuda e nem atrapalha, vamos dizer, ela não tem muita função na vida da pessoa. Ela tem lá uma religião, fala sou católica, mas não faço nada, eu não rezo, eu não tenho crença, não vou na igreja, não faço nada. Então, aquilo não tem uma função é só uma fachada, um jeito da pessoa se apresentar pro mundo ou alguma coisa que ela nem, vamos dizer, tem clareza pra ela mesma. E nesse caso eu não mexo nisso. Se é assim que a pessoa vive a vida dela, se a religião não tem uma função definida eu também não mexo com isso. Eu só vou lidar com isso, quando isso aparece ou como um benefício ou como alguma coisa que não beneficia. De outro modo, se a pessoa não traz isso como... com nenhum significado maior eu também não vou atrás disso, entendeu? Não sei se é isso que tua pesquisa quer ver, se não é, enfim...

Entrevistador: É isso sim, eu queria te agradecer bastante então por me receber apesar do contratempo. Me ajudou muito.

TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA

Entrevistada: Eu sei exatamente o que é isso, porque na minha casa era assim e isso me deixava desorientado e ele falou... eu perguntei pra ele, ontem, terça-feira, se no resto daquele dia, quando eu te falei isso, o que que você sentiu da minha interferência, da minha supervisão, quer dizer, o que que você...éh...falou. Ah... eu achei que você acolheu aquilo que eu falei, que você não criticou, não achou que era um horror, mas eu achei que você fez isso com naturalidade, como você faz quando alguém vira e fala assim: oh...eu...eu já vivi isso que o cliente está falando como qualquer outro aspecto, achei que você lidou com naturalidade, não me senti constrangido, acho que a tua supervisão você focaliza muito essa coisa do que você sentiu, como você viveu, então acho que você...éh...assim...Eu percebi o seguinte Aline, é isso que eu estou querendo te dizer que, pra ele, para os meus alunos falar de religião não é diferente, eles vão falar normalmente porque eles não sentem que é diferente de falar de qualquer outra coisa que...que eles queiram. Quer dizer, eu...eu acho que eu na condição de supervisora, eu não faço uma separação entre o que é da religião e o que é da...são outros aspectos da personalidade humana ou do existir humano. Eu acho que eu não diferencio isso, entendeu? Então na hora que eu falo sobre isso e eles falam e podem falar porque eu acho que eles falam com ou qualquer outro aspecto que eles falariam. Eu acho que eu não coloco isto como um divisor de águas ou como alguma coisa que é diferente do resto do... do repertório, entendeu, que a gente trabalha em supervisão. Então eu não penso que os meus alunos, que

eles falam assim: nossa como ela é diferente, eu acho que eles olham isso com naturalidade.

Entrevistadora: Mas você percebe que isso, de repente, é da sua maneira de lidar com esse aspecto naturalmente, então, eles encaram isso também pela sua postura?

Entrevistada: Eu não sei, quer dizer, a minha postura é assim, eu...,eu..., então eu fico pensando que ninguém ficou chocada no meu grupo, porque ele virou e falou: olha isso é parecido com a experiência que a minha mãe é espírita, eu sei lá quando tive que sair de casa, porque ela me deixava louco, esse mundo espiritual, e sei lá o que. Ele colocou isso na supervisão, não acho que ele se sentiu constrangido e não acho que o resto dos meus alunos tenha tido algum constrangimento frente a esse relato de... de experiência ..., não acho que a minha posição enquanto supervisora tenha enfatizado esse aspecto...é primordialmente, quer dizer, eu deixei ele falar, ouvi o que ele falou, acho que tem sido uma coisa assim...falei: bom, então você entende bem qual foi a experiência dele ... éh ... o Marcelo está relatando que entende a experiência do outro, quer dizer, usei um pouco essa experiência pessoal, como uma forma de ... de compreender ou penetrar na vivência da outra pessoa. Agora, eu acho que eu faço isso Aline com todos os aspectos, aí eu fiquei pensando nisso quando você me ligou, quer dizer..., éh, se existe, por exemplo, eu tenho um outro aluno, que por sinal eu reprovei, então é independente... de eu achar que é um bom aluno ou um mal aluno, ele atendeu lá uma pessoa no plantão psicológico e aí não conseguia me contar na

supervisão sobre o caso... , não contava nada e eu falava: fulano, mas eu tenho que entender, pra eu fazer supervisão eu tenho que entender, que num sei o que. Aí ele falava assim: sabe, eu não consigo contar porque ele é tão parecido comigo - não tinha nada a ver com religião, era outra - ele é tão parecido comigo que eu entendi tudo o que ele falou. E eu falava: mas, fulano eu... eu entendo que você entendeu, mas eu também preciso entender, então, me conta o que foi que você entendeu, usa a tua experiência, já que você entendeu tão bem o outro, usa a tua experiência de compreender os sentimentos dele pra me contar. E ele não conseguia. Então na verdade, eu acho que no fundo eu penso isso, que a experiência... a nossa experiência pessoal ela pode ser um instrumento pra compreender a experiência do outro, porque eu acho que eu faço isso com todos os aspectos, inclusive com o aspecto religioso. Sabe. Aline, eu não fico pensando, na verdade, olha eu vou trabalhar a religiosidade ou eu não vou trabalhar a religiosidade ou se o meu aluno falar sobre religiosidade eu vou ... ah ... podar, se ele não achar eu não ... se ele não falar. Eu... pra mim, se isso aparecer ele deve ser trabalhado como qualquer outra coisa e eu não vou impedir meu aluno de olhar pra isso se for o caso, como eu não impeço de olhar pra qualquer outro aspecto. Eu vou impedir meu aluno é de misturar seu cliente, ok, e... e ... fazer lá algum tipo de ... não tem algum tipo de comportamento, de devolutiva ou de atuação sei lá eu ... éh ... aonde ele viva o universo psicológico seu ... misturando o seu universo ao do cliente, isso eu não vou permitir, ok? Mas, se ele for usar a experiência que ele tem a vivência que ele tem no sentido de compreender de apreender a vivência do cliente, pode ser religião, pode ser de qualquer outra coisa, pra mim tanto faz, eu vou enfatizar. Então eu fico pensando, Aline, por eu não ter

essa cisão, por este não ser um bloqueio, por isso... ah ... não ser nem mencionado como isso pode isso não pode, os meus alunos ... acho que eles falam naturalmente disso e eu abordo naturalmente isso, entendeu? Sem que tenha uma referência especial pra isso ou pra aquilo, entendeu? Eu... eu fiquei, quando você me ligou, eu fiquei pensando que casos que eu tinha, então... (pausa) e aí eu me lembrei de uma coisa que aconteceu há muitos anos atrás com uma aluna, já faz cerca de uns 10 anos, eu acho que foi na primeira turma aí da Pompéia. E aí eu tava supervisionando a moça de um atendimento que ela fazia e aí ela falou assim: eu preciso...éh... contar uma coisa pra você - eu quero ressaltar pra você nesse caso que eu vou contar ... eu tive, eu fiquei bastante ansiosa, isso também porque faz 10 anos já e porque ela me pegou de surpresa. Ela virou pra mim e falou assim: sabe aquela moça que eu to atendendo, aquela senhora que eu to atendendo e tal, outro dia eu tava atendendo ela e eu enxerguei uma outra pessoa ao lado dela - a aluna me disse - e...eu enxerguei uma pessoa ao lado dela, e eu sou espírita, eu sou médium e eu vi alguém do lado dela. E eu na hora, isso... eu confesso pra você que isso me deixou assim, mas o que que eu pensava, o que que eu pensei antes de eu responder qualquer coisa pra menina, eu pensei o seguinte: era uma moça que eu considerava inteligente, era uma moça que eu considerava super organizada do ponto de vista do atendimento, do ponto de vista, vamos ver assim, antes de eu dar qualquer resposta nesta circunstância eu fiquei um pouco avaliando quem era aquela pessoa e se ela apresentava um outro qualquer...é.. indício de que pudesse ter alguma coisa errada com ela e na minha avaliação ela não apresentava, aí o que que eu fiz eu perguntei pra ela dizendo o seguinte: bom, você enxerga a pessoa, mas o que que você faz com

isso? E aí ela falou assim: não, eu não faço nada. E aí eu quis me certificar porque, eu falei bom... não comenta nada disso pra ela, com ela ou...ela falou não eu não faço nada, eu só queria te contar que isso me aconteceu, mas eu não fiz nada, eu não faço nada, não vou misturar essa minha crença ... éh... ao atendimento psicológico tal, não vou fazer nenhuma doutrina ... que era entender o que tava falando. Ela falou: eu não vou fazer nenhuma doutrina, mas eu queria te contar. Eu falei: olha..., você não vai fazer nenhuma doutrinação aí de acordo com seus preceitos religiosos, então eu acho que tudo bem, eu não sei como é que você lida com isso, como você lida com essa situação, quando você vê, quando você é médium, quando você é..., não sei qual é a sua forma de lidar com isso, a única coisa que eu quero dizer é o seguinte, eu não sou..., não vou atacar a sua crença e dizer que não acredito, que não sei o que, porque isso não está em jogo, a única coisa que eu posso te dizer é que eu não gostaria que você misturasse isto ao atendimento psicológico ,porque este universo é seu, você tem experiência, você é médium, você tem esse tipo de vivência, você tem essa doutrina, essa crença e não sei o que, parari parará, eu não quero que isso apareça no atendimento psicológico e não quero simplesmente porque eu não saberia lidar com isso, eu enquanto supervisora não saberia lidar com isso, a minha crença não é essa, eu tenho, enfim, não saberia como, então nós não vamos deixar que isto entre ... no atendimento, não é, entre assim ...,não que entre ... entre como uma forma de você atuar isso. Não, porque eu considere que está tudo errado e não sei o que, apenas isso, porque eu não sei lidar com isso, então o meu limite também vai até aí. E essa moça em especial, eu me reencontrei com ela, na verdade, não que eu me reencontrei, hoje ela é terapeuta de um amigo do meu

filho e o amigo do meu filho veio me falar que ela tinha falado de mim e tal e aí ele falou assim: ela mandou te dizer que ela lembra de você com muito carinho, porque ela tem um registro de uma – ela não falou pra ele o que era, mas ela falou assim e eu achei que era por isso – falou que ela tem um registro de você de muito acolhimento, de muita, muita compreensão em relação ao tempo que você supervisionava ela. Eu achei que ela se referia a isso, Não sei se eu que achei, porque isso não foi explicitado por ela, mas... ah..., eu fiquei com essa impressão, entendeu? Porque quando ela me contou ela me dava a impressão de que ela achava que ela ia levar uma tremenda descompostura, entendeu? E eu acho que não foi isso que eu fiz, eu coloquei um limite que era o limite daquilo que eu achava que podia dar conta num atendimento psicológico, mas eu não... eu não dei uma dura, não acabei com ela, enfim, ou critiquei de alguma forma, enfim, eu coloquei um limite que era um limite meu, enquanto supervisora, mas eu possibilitei a fala dela, a expressão daquilo. Eu acho Aline que é isso, que eu, eu não sei se é isso que você precisa.

Entrevistadora: eu queria retomar um pouquinho o exemplo do Marcelo, porque esse você chegou a perguntar pra ele. Você podia contar pra mim quando você é... como foi quando você primeiro, você recebeu os alunos em supervisão e aí apareceu o caso, apareceu aquele caso?

Entrevistada: Então, acho que não é nem um caso exatamente deste aluno, foi um caso de plantão, acho que era o caso de outro aluno, nem me lembro o que que era o caso, mas aí, aí na hora ele falou: olha eu entendo como que o menino se sente e tal porque eu me senti também desse modo. E aí o meu

apontamento foi falar: bom, vamos usar isso pra tentar entender, vamos dizer assim, o menino, quer dizer, ele disse que se sente inseguro, que brigou com a religião, porque ele não suporta mais essa pressão, sei lá, usei um pouco aquilo que ele falou pra gente tentar entender também o universo do menino. E quando eu perguntei pra ele se..., se, na verdade, quando eu perguntei, ele nem se lembrava muito, quer dizer, passou tão...,tão...tão natural que ele nem se lembrava muito, um pouco que ele me disse foi assim: eu achei que foi tão ... tão ... do mesmo jeito que é com todas as outras coisas, eu não me senti especialmente diferenciado nesse negócio da religião do que em outras coisas. Acho que o seu jeito de lidar é assim, geralmente você pergunta o que que você sentiu, quando você tava lá com o cliente você sentiu o que, percebeu como... o que que você aprendeu daquilo que eu tava te falando. Que é o meu jeito de fazer a supervisão.

Entrevistadora: E aí os alunos reagiram dessa mesma maneira, com naturalidade. O feedback dos alunos foi esse, o fato deles perceberem que você reage da mesma maneira que você está me contando, porque você fala assim: isso é tão natural pra mim, eu reagi de maneira tão natural quando esse aluno colocou essa questão da religiosidade. Ele também por consequência também reagiu de forma natural, tranquila, não é, e possibilitou o entendimento do grupo, foi isso? Esse acolhimento que você deu de escutar quando ele se colocou dizendo que entendia essa experiência do cliente, ele colocou você acolheu, e usando dessa experiência pra entender junto com os outros alunos e os outros alunos tivessem como reagir de maneira tranquila, natural. E isso passou como passariam outras coisas, é isso?

Entrevistada: Isso. Exatamente isso..., como seriam outras coisas, quer dizer, eu... o que eu já te disse antes. Eu sou cuidadosa um pouco, assim, porque eu não. Eu acabo tendo o temor, eu, eu não, num deixo nunca transformar a minha supervisão numa terapia de grupo, então eu tenho um temor frente a isso e um cuidado frente a isso que eu num deixo também o aluno se expor, é demais. Agora, geralmente o que eles sentiram frente ao atendimento, o como aquela pessoa que eles estão atendendo afetou a ele, eu geralmente procuro... fazer ele descrever isso, como é que eles foram afetados no atendimento porque como o trabalho é todinho fenomenológico eu to sempre pautada na relação, ok. Então eu to sempre achando que eu afeto o outro, mas o outro também me afeta de algum modo. Então eu sempre procuro deixar vir à tona isso, como que eu senti ou como que você sentiu aquele atendimento ou quando você disse isso pra aquele paciente, porque que você disse? O que passou na tua cabeça? De que lugar você saiu? Como que você entendeu? O que que você apreendeu pra fazer esta ou aquela intervenção. Ah... eu sempre procuro deixá-los falar. Eu não sei, por isso também a hora que vem: ah... bom, eu até entendo porque tive uma vivência aí parecida, não sei o que, tal, fica então natural entendeu? Porque eu to sempre buscando o que que você sentiu, você tava atendendo, mas ele mobilizou você de qual maneira, de que forma, né. Não sei se por isso também vira uma coisa...

Entrevistadora: pela maneira até mesmo do método fenomenológico, de descrição da vivência, então isso já é uma coisa natural. Então ele já tem esse espaço, é isso que você me dizendo? Ele já tem esse espaço de colocar o que

que ele sentiu frente ao atendimento, diante desse caso que ele tava atendendo, então, nesse momento pode ter sido isso que você acredita, que ele pode ter agido naturalmente?

Entrevistada: é...eu acho que sim, então, não é um... sabe...não acho que eles ficam constrangidos, né, eu acho que por eu ter essa visão de que a religião ... a religiosidade é uma coisa que nos constitui também, eu acho que na hora que eu sou supervisora ... Como eu aceito isso naturalmente, eu acho que eles também se acham, ah... passíveis de falar isso também naturalmente, sei lá, eu acho que num fica assim, isso eu posso falar, isso eu não posso falar, podem falar se o tema é aquele, se aquilo mobilizou de algum jeito, se mobilizou nele alguma referência ele pode falar como pode falar de qualquer outra coisa.

Entrevistadora: e isso você deixa claro através da sua atuação?

Entrevistada: é eu acho que não é nunca uma coisa dita por mim, quer dizer, nunca na minha vida eu fiquei refletindo sobre isso porque nunca eu falei assim: olha aqui vocês podem falar do aspecto religioso, não isso, as pessoas sabem porque leram o que eu escrevi, sobre a minha tese, então as pessoas sabem que eu tenho um interesse nessa área ... , às vezes, eu conto... geralmente, eu conto quando eu to dando aula expositiva outros casos que eu atendi, então as pessoas sabem disso, eu acho que isso também é um facilitador, porque eu tenho um interesse por isso então eles também me procuram pra falar desse interesse. Eu acho que isso também facilita, então, tipo assim, eles assim... Você viu aquilo que aconteceu é...na...sei lá, surgem

temas independente do atendimento, você viu o que aconteceu na Record, lá que mostraram o vídeo do pastor, da religião, quer dizer, eles trazem também coisas talvez porque eles saibam da minha história, da minha ... do meu horizonte profissional, eu acho que isso também é um facilitador.

Entrevistadora: E aí, por exemplo, quando surgiu esse tema da Record, você se posicionou, você dialogou com eles, você conversou?

Entrevistada: não porque na verdade eu conversei sobre o que de fato eu pensava, que achava que muito menos do que religião eu achava que isso era uma briga por audiência, de duas emissoras e tal e a discussão enveredou um pouco por esse caminho, entendeu, sem a gente entrar na religião, porque assim, eu, eles, eu não me lembro de ser questionada sobre se eu acho bom ou ruim uma religião ou a outra. Acho que eles não me fazem esse tipo de questão até porque eu também eu deixo bem claro qual é minha posição, que eu já te falei não acho boa nem ruim nenhuma delas, acho apenas que depende de como a gente a usa ou a coloca, sei lá, na vida da gente, então eu não... Não sou questionada por isso. Agora o que eu percebo e talvez isso te interesse é o seguinte, talvez por eu ter essa postura, talvez por eles saberem do meu interesse na área, então, eles se sentem mais a vontade pra dizer pra mim que eles também acham importante essa coisa da religião, então, que eles também acham importante que no diagnóstico a gente avaliar um pouco a religiosidade da família e tal pra gente conseguir entender direito o caso. Eu acho que o meu interesse ele facilita um pouco a expressão do aluno.

Entrevistadora: e você percebe, no caso você já me contou do Roberto, você percebe que ele fica mais a vontade até mesmo pra falar da religiosidade dele, não pra estar expondo, mas pra estar mais a vontade pelo fato dele ter uma religiosidade, deles estarem tranquilos com isso, você percebe?

Entrevistada: não saberia te dizer. Nesse caso ele tava falando, ele estava dizendo que ele se afastou completamente de qualquer religião, no entanto que foi pernicioso, doloroso pra ele conviver com esse mundo, fantasmas... de fantasmas aí com o qual ele conviveu. Eu não saberia dizer pra você se as pessoas se sentem mais confortáveis com a religião delas, acho que é isso.

Entrevistadora: Porque às vezes o que acontece é assim, a pessoa tem uma determinada religiosidade ou até mesmo uma crença, não especificamente uma coisa institucionalizada e ela fica meio... ela acaba se escondendo, ela acaba retraindo, não que ela deva falar, nada disso, mas por conta de estar no meio acadêmico, ali, junto com os professores, coisa que a gente já conhece que tem na universidade. E aí, assim de repente por você ter uma postura de olhar pra isso como uma coisa natural, como uma coisa que constitui a subjetividade, não só do cliente, mas também do aluno que vai ser um psicólogo que também pode ter uma religiosidade ou não, de repente você entende, que ele demonstra que ele fica mais confortável, não sei.

Entrevistada: eu não sei por que, quando eles trazem pra mim, eles trazem como... como...,eu não sei o que eu enxergaria, porque se trazem alguma coisa, que nem esse rapaz que é espírita ele trouxe como uma coisa natural,

sei lá, ele simplesmente trouxe, eu não sei te dizer, eu não tenho esse ... esse dado, quer dizer, será que por eu ser assim ele se sente mais confortável na sua religião pessoal, eu não sei (pausa) não tenho esse dado, não.

Entrevistadora: você não observou, não perceber porque às vezes o aluno, ele demonstra determinada adesão a uma crença, não necessariamente institucionalizada e ele fica tranquilo com aquilo e ele demonstra aquilo tranquilamente, você não percebeu isso?

Entrevistada: eu não sei por que na verdade eu não discuto as crenças individuais de cada um. Eu na verdade eu nem sei qual é a (pausa) nem sei, não é uma coisa que eu pergunto. Isso entra quando entra lá entendeu, eu não discuto vida pessoal ou crença, eu não sei, não sei responder pra você. Porque na verdade eu não sei mais o que lhe falar Aline, porque eu tenho tantos anos pensando na minha postura, fazendo uma reflexão sobre..., sobre o tipo de postura que eu tenho, mas não... O que me ocorre é isso que eu te falei, entendeu? eu acho que é...como eu não tenho essa divisão, quer dizer, a sensação que eu tenho é que meu aluno ele fica a vontade pra falar sobre religião caso ele tenha que falar, é essa a sensação que eu tenho. Eu não acho, eu não observo nenhum desconforto se ele tiver que me relatar um caso, se no caso ele tiver que relatar alguma coisa da sua própria vivência.

TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA

Entrevistada: no psicodiagnóstico eu faço a entrevista de religiosidade que foi o meu tema de doutorado, agora no plantão psicológico eu não trato disso, não trato disso assim, eu não chego e falo na sala de aula, vamos falar sobre religião, mas quando isto aparece eu acolho como a outro, como qualquer outra dimensão.

Entrevistadora: Nas entrevistas você deixou claro que lida, quando surge, com o tema da religiosidade na supervisão com seus alunos, assim como lida com as demais dimensões humanas. Na qualificação surgiu um questionamento, a banca se perguntou o que influencia essa postura de acolhimento dos temas religiosos, se pode estar relacionado a você ser religiosa ou não, se está relacionada à abordagem fenomenológica, pela própria abordagem que favorece você explorar todas as dimensões, que hipóteses você levanta? O que influencia você acolher, não ignorar?

Entrevistada: eu sou tentada a supor que é um pouco de tudo, eu sou uma pessoa religiosa, pessoalmente eu sou uma pessoa religiosa, então talvez isso (pausa) não me soa, não me faça soar tão estranho quando esse tema aparece... éh... no atendimento psicológico, tá, agora, isso pode aparecer no atendimento psicológico de diversas formas, pode aparecer muito diferente da religião que eu acredito, por exemplo. Então eu não sei dizer pra você se é

porque eu sou religiosa. A postura fenomenológica eu acho que influencia muito também porque do meu ponto de vista qual é a postura fenomenológica? É a postura de não saber, ok? Então eu não tenho nada prévio a respeito do cliente que eu saiba, entendeu? Eu não tenho nada anterior onde eu possa encaixar o cliente, então eu entendo que essa postura de não saber ela permite, vamos dizer, que eu abarque a experiência do cliente, digamos assim, na sua totalidade, na sua totalidade assim, na medida do que é possível essa totalidade, que na verdade tudo, tudo é impossível. Mas na medida do que me é possível atender, então como eu não sei nada sobre ele, eu parto de um lugar de não saber, tudo que ele me diz, do meu ponto de vista me permite compreendê-lo, inclusive o aspecto religioso. E isso eu trabalho com os meus alunos também, porque especialmente o aluno de quinto ano é aquele aluno... ah, que veio e ele quer assim (pausa) como dizer, ele quer uma cartilha, ele quer um enquadre, ele quer alguma coisa para ele colocar o cliente encaixado naquela coisa. Quando você diz assim: bom, mas não tem nada pra ser encaixado, vamos entender que experiência é essa que ele está te relatando, que coisa é essa que ele está te passando, vamos tentar compreender isto, né, então, éh, o aluno fica meio surpreso por um lado, mas por outro lado eu acho que ele se sente mais à vontade pra estar dizendo o que ele quer dizer, o que ele ouviu, o que ele entendeu, sem censurar ou ignorar alguma parte dessa experiência do cliente, entendeu? Não sei se é isso. Eu não saberia te falar, olha essa minha postura se deve a isto. Eu acho que é um misto de coisas, talvez o fato de eu ter uma religião pessoal influencie, talvez o fato da postura fenomenológica influencie, agora posso pensar também o contrário. Eu já fui buscar a postura fenomenológica porque ela está de acordo com a pessoa que

eu sou e na minha avaliação é isso entendeu? Você não busca uma abordagem teórica... éh, em detrimento daquilo que você é, você busca uma abordagem teórica a partir da pessoa que você é, éh, aquilo que te faz sentido dentro das suas experiências, dentro da sua vivência, então eu não sei o que é da minha entendeu, eu acho que é um misto aí de todas as coisas que eu sou. Na verdade eu não sou só religião, eu não sou só fenomenologia, eu sou uma pessoa. O que me influenciou, são todas as coisas que eu sou, que me levam a essa postura e incluindo a religião, a abordagem teórica, todas as coisas que me compõe, que me fazem ser quem eu sou, talvez isso, eu não sei te elencar disso daí uma coisa que eu possa dizer que foi determinante disto, não, eu acho que todas as coisas, todas as construções da minha vida, porque eu também não me vejo, ah, diferente com meus alunos, com os meus pacientes ou com a minha família, eu acho que eu sou uma pessoa e a pessoa que eu sou ela aparece nas diferentes instâncias da minha vida, entendeu? Eu não sei se é isso. É assim, eu sou uma pessoa religiosa, o que não quer dizer, e de religião católica, mas isso também não quer dizer que eu levo a religião ao pé da letra, eu procuro levar a religião do meu jeito e nem sempre coincide completamente com os pressupostos, as idéias da religião católica, mas assim, eu acredito em Deus, num Deus católico, mas eu faço as minhas interpretações e avaliações disto. Mas eu me sinto uma pessoa religiosa. É isso.